TORNAR **VISÍVEL** O **INVISÍVEL** -
PROPOSTA DE INTERVENÇÕES URBANAS PARA UMA CIDADE MAIS SEGURA PARA AS MULHERES EM JARDIM AMÉRICA

ALUNA: JULIANA DAMASCENO
ORIENTADORA: ROSSANA T. BRANDÃO

Universidade do Grande Rio Professor
José de Souza Herdy

UNIGRANRIO

ESCOLA DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Trabalho de Conclusão de Curso- TCC

Aluna Juliana Maria Damasceno
Orientadora Rossana Tavares
2017.2

TORNAR **VISÍVEL** O **INVISÍVEL** - PROPOSTA DE INTERVENÇÕES URBANAS PARA UMA CIDADE MAIS SEGURA PARA AS MULHERES EM JARDIM AMÉRICA

SUMÁRIO

Parte I

1.Introdução 1

2.O desdobramento da mulher 4
na sociedade - Questão de Gênero

3. Mobilidade urbana - Relação da mulher 6
com o espaço público

4. Rio de Janeiro - A vulnerabilidade 10
da mulher na cidade

5. Segregação espacial dos mais pobres- 13
Luta pela apropriação do território

6. As faces da criminalidade - 18
Marcador de conflitos territoriais

7. Invisibilidade das mulheres em 21
Jardim América

8. Projeto de Jardim-América na 26
perspectiva de gênero - Projeto Urbano

8.1 Recorte 27

8.1 Localização 28

8.2 Jardim América - História do bairro 28

8.3 Jardim América: Surgimento 29
de suas favelas

8.4 Dados Quantitativos 29

8.5 Uso do solo 30

8.6 Ocupação do solo 31

8.7 Referências Teóricas 32

8.8 Referências Projetuais 33

9. Mapas de análise das problemáticas 34
e potencialidade

Parte II

Estudos de massas 42

Masterplan proposto 45

Ampliações 46

Análise do antes e depois 48

Perspectivas 50

Fases do projeto 59

Bibliográfia 60

Beco, um dos acessos a favela do Dique
Fonte: a autora

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus pela sua infinita bondade e fidelidade que permitiu que esse sonho se concretizasse.

Aos meus pais, que sempre me incentivaram e me apoiaram, me dando todo o suporte necessário para concluir essa etapa da minha vida.

Ao meu esposo pelo companheirismo e paciência, que me fortaleceram ao longo da minha faculdade.

A minha irmã pelo carinho e paciência. Você foi importantíssima para a escolha desse tema, pois eu quero que você desfrute no futuro, cidades mais eqüitativas e justas para as mulheres.

A todas (os) moradoras que participaram da entrevista nas favelas de Jardim América. Obrigada pelo acolhimento e carinho.

Agradeço a minha orientadora, Profª Rossana Tavares, pela disponibilidade e apoio. Você foi fundamental para o meu amadurecimento acadêmico e pela a minha empatia pelas mulheres. A faculdade Unigranrio e o seu corpo docente.

Mulheres protestam em São Paulo contra a violência e a cultura do estupro
Fonte:Paulo Pinto/Agência PT

RESUMO

Esse trabalho tem o intuito de elaborar uma analise dos processos socioespaciais na perspectiva de gênero, o qual destaca as conseqüências de pensar cidades sobre a ótica contemporânea, que baseia-se nas premissas universalistas , causando inúmeros impactos, sobretudo, as mulheres negras e periféricas. Sendo assim os capítulos ressaltam a importância de tornar visíveis as mulheres e os espaços de resistência que vivem e propõe estratégias de estudos e intervenções urbanas para tornar esses espaços urbanos mais eficientes e justos para as todas e todos.

1

"A intenção de estudar sobre a relação da mulher com o espaço urbano e propor um projeto na perspectiva da mesma vem da vivência da cidade, de experiências na prática cotidiana que ressaltam o impacto do planejamento urbano que torna homogênea a sociedade, e não se atém as necessidades das mulheres no espaço público, tornando sua mobilidade um ato de resistência. As propostas buscam reconhecer a contribuição das mulheres para a sociedade, tornando-as visíveis na cidade, com base na participação e diálogos, para tornar a cidade mais segura e justa para todas e todos."

Fonte: a autora

Avenida Renascer em Jardim América

Fonte: a autora

Terreno vazio na favela do Dique em Jardim América

1 .Introdução

O Rio de Janeiro passou por inúmeras transformações urbanas nas últimas décadas, concernentes as questões econômicas, sociais e políticas, que refletiram na organização social do território metropolitano estruturado pelas desigualdades. Significa que grupos sociais (classes), estão distribuídos no território conforme o seu poder aquisitivo, os que ocupam posições mais elevadas da estrutura social estão em áreas que concentram maior parte dos investimentos públicos, de um lado, os mais pobres, em sua maioria negros, concentram-se em espaços segregados e marginalizados, o que evidencia a existência da polarização social e a discriminação racial no território . Segundo dados do IBGE (2015), mostram a situação de pobreza do negro no Brasil, correspondendo a 76% da população mais pobre do País (IBGE, 2015),a baixa formação escolar, com apenas 52,6% da população negra com idade entre 20 a 22 anos concluindo o ensino médio em 2014 e 45,5% dos negros com idade de 18 a 24 anos cursando o ensino superior, e a exclusão do mercado formal de trabalho com 48,4% dos negros trabalhando na informalidade (IBGE, 2015).

Sucessivos ciclos de expansão são criados na cidades fundados na produção de novas centralidades, por meio da intervenção do Estado. O primeiro período foi marcado pelas reformas urbanas realizadas por Pereira Passos "política de embelezamento" com o discurso de higienização. O segundo com a apropriação e criação de Copacabana 'Zona Sul - Edifício de Apartamentos' nos anos 1930-1980, criada com o argumento de promover aproximação com a natureza sem perder a modernização. O terceiro, no final dos anos 1970 e perdura até os dias atuais com a apropriação e criação da 'Barra da Tijuca - Condomínio Fechado', com o discurso de promover a segurança e o bem-estar da elite e por último Porto Maravilha como uma nova centralidade urbana ao centro, tais centralidades reforçam a perspectiva do empreendedorismo neoliberal, deixando evidente conflitos que permeiam a sociedade, principalmente o conflito entre as classes, a luta dos diferentes atores sociais pela apropriação e produção do espaço, como forma de geração de recursos, o capital, refletindo nas cidades a desigualdade extrema. Essa auto-segregação das classes superiores e a periferização das classes populares produzem impactos significativos para a população local, sobretudo, às mulheres periféricas, pobres e negras, refletindo na forma de apropriação e na sua mobilidade nos espaços públicos.

A violência a mulher, em geral, é associada a violência doméstica, entretanto a violência nos espaços públicos são frequentes e chegam a ser consideradas habituais. Isso é reflexo de uma política falha e paliativa em promover proteção e serviços de prevenção que tratem a questão da segurança da mulher. Segundo o Dossiê Mulher 2015, elaborado pela ISP (Instituto de Segurança Pública) 56,8 % das vítimas de estupro no Rio de Janeiro foram mulheres negras, 76,6 % solteiras e, na maioria dos casos, o estuprador era desconhecido 30,9%. Conclui-se que mulheres negras que vivem em áreas periféricas, num cenário de extrema precariedade de abastecimento de serviços públicos são as principais vítimas de violência e assédio.

A partir dos pontos levantados e das poucas reflexões sobre a temática, esta monografia tem o intuito de apresentar uma reflexão teórica na perspectiva de gênero para projeto urbano, que considere o tema da mobilidade, construindo assim um suporte teórico para a aplicação das estratégias projetuais nas favelas do bairro de Jardim América, localizado no limite do município do Rio de Janeiro. De modo, a tornar visível os problemas e questões, através de uma série de lentes, considerando principalmente a do gênero na tomada de decisão das intervenções urbanas, o qual a segurança da mulher e a sua visibilidade no espaço público são consideradas como aspecto-chave das diretrizes projetuais, para a concepção de espaços equitativos e inclusivos para todas e todos. Além de identificar barreiras físicas, simbólicas e culturais que constituem e relacionam pobreza, gênero e espaço urbano, com foco nos processos socioespaciais que evidenciam a desigualdade de gênero na cidade, os quais são elementos que limitam e restringem as mulheres em acessar a cidade de forma justa e eficiente, refletindo na forma e no comportamento que elas apropriam-se desses espaços.

Os capítulos desenvolvidos buscam enfatizar a importância e a necessidade de pensar cidades na perspectiva feminina, ressaltando os impactos do planejamento urbano que trata a sociedade homogênea e a cidade como mercadoria e não se atém as necessidades das mulheres no espaço público, tornando sua mobilidade um ato de resistência.

A hipótese desse trabalho parte do entendimento que a insegurança limita as mulheres nos espaços públicos e podem ser um impeditivo de acesso a oportunidades de educação e trabalho, caminhos esses que podem conduzi-las para fora da pobreza. Essa retaliação constante faz com que se sintam constantemente coagidas e vulneráveis em realizar necessidades básicas, obrigadas a questionar-se, sobre horários, caminhos, roupas, ou se podem caminhar sozinhas, pelo simples fato de serem mulheres, e muitas vezes restringindo-se a determinados locais e mudando percursos e rotinas cotidianas, motivado pelo medo de transitar em determinados lugares, o que deixa claro que a mobilidade vai muito além de uma questão de segurança generalizada.

Assim, elaboro reflexões que buscam identificar os fatores que revelam a invisibilidade das mulheres e do território segregado em que vivem, e os impactos que causa em sua vida, em contrapartida elaboro um projeto urbano na perspectiva de gênero, pois acredito que a proposta de intervenção urbana é um caminho possível para a redução da vulnerabilidade à violência e ao assédio. O foco fundamentalmente é o do direito à cidade. (LEFEBVRE, 2014).

2

"O que elas reivindicam hoje é serem reconhecidas como existentes ao mesmo título que os homens e não de sujeitar a existência à vida, o homem à sua animalidade." *(Beauvoir, 1948, p.85)*

Fonte: Fernando Frazão/ Agência Brasil
Marcha das vadias no Rio de Janeiro em 2014 em defesa dos direitos femininos.

2. O desdobramento da mulher na sociedade - Questão de Gênero

> *"O homem que constitui a mulher como um Outro encontrará, nela, profundas cumplicidades. Assim, a mulher não se reivindica como sujeito, porque não possui os meios concretos para tanto, porque sente o laço necessário que a prende ao homem sem reclamar a reciprocidade dele, e porque, muitas vezes, se compraz no seu papel de Outro."* (BEAUVOIR, 1948, pág.85)

Segundo (BEAUVOIR, 1948), a questão de gênero está atrelada à forma de como estão organizadas na sociedade os valores, desejos e comportamentos acerca da sexualidade, sendo fator preponderante para reproduzir princípios no indivíduo como um comportamento natural do ser humano, criando condutas e modos únicos de se viver sua natureza sexual.

Ao longo dos séculos, padrões foram fixados na sociedade e é por meio destes que se desdobra a dura realidade que a mulher ocupa na humanidade, sendo as mesmas por inúmeras vezes, exploradas, desvalorizadas, oprimidas e cortadas de sua transcendência, numa sociedade que preponderantemente pertenceu ao sexo masculino: o poder político sempre esteve nas mãos dos homens. Refletindo na atualidade esse estigma cultural, tão enraizado na sociedade.

O homem sempre esteve na categoria dominadora, pode-se perceber que é comum existir uma categoria dominadora, por curto ou longo tempo, onde predomina o poder/desigualdade, muitas vezes pela questão numérica que confere esse privilégio: a maioria impõe sua lei à minoria ou a persegue, mas a mulher não se encaixa mais nessa teoria, já que há tantos homens quanto mulheres e muitas vezes elas são a maioria, visto no contexto histórico que a situação da mulher não ocorreu por um momento da história humana, mas sim, por um dado biológico, a mulher é resumida apenas como reprodutora e mesmo depois de décadas esse pensamento ainda perpetua nos dias atuais.

Segundo (BEAUVOIR, 1948) a mulher acabou aceitando ser o "Outro"[1], aceitou receber aquilo que o homem acharia que ela seria merecedora, o necessário. O homem torna a ser uma figura de "protetor", protege materialmente a mulher e se encarrega de lhe fundamentar a existência: com o risco financeiro, ela abre mão de uma liberdade, com um sentimento passivo, alienado, perdido e frustrado de todo valor.

As diferenças sociais entre homens e mulheres são marcantes e diferenciam privilégios como : emprego, melhores cargos, com salários mais altos, maiores possibilidades de êxito que suas concorrentes atuais; Ocupam maiores números na indústria, no mercado, na política, e se destacam com as posições mais importantes, de primeiro escalão.

Além dos poderes concretos que possuem, revestem-se de um prestígio, pois o presente envolve o passado, e no passado, no decorrer da história, os homens sempre estiveram no domínio. E quando as mulheres começam a exigir seus direitos, esse mundo pertence aos homens.

Segundo a pesquisa Catho (2015), comprova-se que a desigualdade existente no mercado perpetua até os dias atuais, no qual as mulheres recebem até 30% a menos por atividades desempenhadas em cargos iguais ocupados por homens, quanto menor o cargo, maior é a diferença. Quando são mulheres negras, o dado ainda é mais alarmante, com a pior média de renda mensal: R$558. A representatividade da mulher na política foi de cerca de 20% do total de candidatos no processo eleitoral de 2010 para presidentes, governadores, deputados estaduais e federais e senadores do Brasil.

Consequentemente, refletindo na esfera política, com poucas leis e programas para proteção das mulheres no ambiente urbano, praticamente inexiste nas agendas de planejamento, segurança e políticas públicas, que afirmem a visibilidade da mulher no planejamento das cidades, reforçada por marcadores sociais, raciais e territoriais. E atualmente o que a mulher mais reivindica é a igualdade de direito, deseja se sentir pertencente nesses espaços urbanos, que constantemente negam a sua existência.

As últimas décadas foram marcadas por profundas transformações da mulher na sociedade, ocupando posições que antes lhes eram negadas. Entretanto ainda há muita luta pela frente, pois os direitos que lhes são dados, ainda são em sua maioria abstratos, acarretado pelos hábitos culturais ainda correntes na sociedade.

[1]Beauvoir toma como ponto de partida a relação entre o "Senhor e o escravo" de Hegel, ao qual define o conceito de "Outro". Segundo a autora, a relação que o homem tem com a mulher ao longo da história é de submissão e dominação, no qual a mulher não é definida em si mesma, mas em relação ao homem.

3

"... Não quero dizer que as cidades são economicamente valiosas apesar de suas ineficiências e impraticabilidades, mas ao contrário, porque elas são ineficientes e impraticáveis". Jane Jacobs (1969, p. 86)

3. Mobilidade Urbana – Relação da mulher com o espaço público

Nos anos de 1970, surgiram movimentos globais em prol de cidades seguras para as mulheres, incluindo organizações **Women in cities internacional**[2] (WiCi) a Comissão Huairou, Jagori, **Un-Habitat**[3], e a **Un Women**[4] (antiga UNIFEM). Mesmo que as tenham variado em âmbito e foco geográfico, elas ressaltaram a importância do planejamento urbano, e incentivaram iniciativas práticas que envolvem as próprias mulheres na criação de cidades mais seguras, visto que a mobilidade urbana pensada na perspectiva da mulher, almeja o alcance de todos, já que a mulher é uma das que mais sofre com a insegurança proporcionada por esses espaços segregados.

Pensar a mobilidade na percepção da mulher em diferentes faixas etárias, é pensar numa cidade mais justa e equitativa. Muitos pensam que ao propor um projeto direcionado para um grupo específico, consequentemente estará excluindo ou restringindo os demais, mas na verdade ao solucionar o problema daqueles que necessitam e que sofrem constantemente a opressão e a desigualdade no meio urbano, limitando os seus passos, acaba-se por satisfazer a todos, com um olhar mais atento, levando em consideração as dificuldades da mulher, e o seu papel fundamental no desenvolvimento das cidades, analisando como a apropriação dos gêneros e suas necessidades particulares precisam ser consideradas.

Historicamente, planejar a cidade para a mulher era garantir que o seu papel de dona de casa fosse o mais confortável possível, com a inserção no mercado de trabalho, a mulher acumulou à ele, as atribuições nos seus lares. Isso sem se referir ainda a necessidade de se locomover da casa para o trabalho, mas também à busca dos filhos na escola, à ida ao supermercado, entre outras atividades, além do lazer nos tempos livres. Essa dinâmica de deslocamento para lugares mais distantes da residência começou a aumentar nas economias ocidentais a partir da década de 50 do século passado. No Brasil dos anos 70, a participação das mulheres no mercado ainda atingia em torno de 18%. Em 2002, esse número já atingia 50%, segundo dados do IBGE.

Gradativamente as mulheres estão ocupando o espaço público, todavia as necessidades delas ainda são pouco consideradas no planejamento das cidades, visto que a mobilidade no Brasil é o reflexo das políticas desenvolvidas, em sua maioria, pelo gênero masculino, predominante em cargos públicos e de autarquias de primeiro escalão. Entre as 34 lideranças de secretarias municipais e autarquias das capitais cujas responsabilidades estão associadas à mobilidade urbana, há somente cinco mulheres, menos de 15% do total (site Gn)[5], evidenciando a

Manifestação pelo fim da cultura de estupro.
Disponível em <https://direitoemcurso.wordpress.com/2016/06/27/pelo-fim-da-cultura-do-estupro/#jp-carousel-779>. Acesso em 04/12/2017

[2]Fundada em 2002 em Montreal, com foco na igualdade de gênero e na participação das mulheres no desenvolvimento urbano, sobre a segurança das mulheres em ambientes urbanos.
[3]Un-Habitat, entre outras questões, trabalha para a eliminação da discriminação contra mulheres e meninas; Capacitação das mulheres; E a realização da igualdade entre mulheres e homens.
[4] Un-Women Mulheres trabalha para promover a igualdade de gênero. Desenvolvendo ambientes em que cada mulher e menina possa exercer seus direitos humanos e viver até seu pleno potencial.

[5]Disponível em <https://docs.google.com/spreadsheets/d/1WdZVNcjC4wWfW545wE4S7qwQXaODPq2X4yEwGlB6nNY/pubhtml>. Acesso em10/05/2017

necessidade de mulheres que atuem nos governos e na gestão do planejamento urbano. Sem elas, talvez as políticas públicas continuem sendo pensadas apenas na perspectiva masculina - em geral, por homens brancos, heterossexuais, de classe média ou alta. Priorizando, ainda, a lógica do ir e vir do trabalho, do automóvel, dificultada pela forma de ocupação e organização do espaço nas cidades. Segundo Jan Gerl (2010), é notório que mais vias levam ao aumento de trânsito, consequentemente menos vias, menos tráfego.

As áreas que concentram a maioria dos postos de trabalho, estão localizadas nas áreas urbanas centrais, e as residências da população de baixa renda concentradas nas áreas periféricas. Com isso, impõe a essas famílias maiores necessidades de deslocamento, em especial no chamado percurso pendular: residência-trabalho-residência, obrigando essas pessoas a se locomoverem longas distâncias, perdendo horas dos seus dias em um trânsito caótico.

Superlotação dos ônibus no Rio de Janeiro
Fonte: Alexandre Brum / Agência O Dia

Se visto do cenário da mulher, esta problemática se torna mais agravante, pois, em sua maioria, as mulheres além do trabalho produtivo ainda cumprem o trabalho doméstico. Conforme dados do IBGE, as mulheres empregadas fazem mais tarefas domésticas do que os homens. O número de brasileiras nesse grupo é de 9,9 milhões maior do que os brasileiros. Em 2014 tinham 38,5 milhões de mulheres nesta condição, enquanto os homens eram 28,6 milhões, elas gastam ainda mais horas semanais nesses afazeres: 21 horas delas contra 10 horas deles (site Folha de São Paulo)[6]. Consequentemente elas tendem a ter jornadas duplas e até triplas; já o homem, tende a fazer viagens mais lineares, pendulares e definidas, tornando assim, mais comum para o homem o percurso domicílio-trabalho. Embora a renda seja um fator de grande influência na característica da locomoção dos gêneros, no qual há grande correlação entre as duas variáveis, conforme demonstrado nos dados de pesquisa do Plano Direito da RMRJ, que indicam que a mobilidade varia de um mínimo de 1,46 viagem/habitante/dia para família até 2 salários mínimos, até um máximo de 4,08 viagem/habitante/dia para famílias com renda superior a 20 salários mínimos. O crescimento da mobilidade é proporcional à renda na medida em que se passa para rendas imediatamente superiores. (Site SETRERJ)[7].

Outro fator agravante para a população de baixa renda, localizada em áreas periféricas, é a distância das áreas centrais tornando-se uma dificuldade adicional para a população desempregada buscar emprego, onde se concentra maiores oportunidades de emprego. A Região Metropolitana do Rio de Janeiro, concentra 74 % dos postos de trabalho de todo o estado, sendo 41% na capital e 33% espalhados nos municípios da periferia, segundo dados do CENSO de 2010. Comprovado que em 2016 o desemprego atingiu mais as mulheres do que homens, segundo a Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios), a taxa de desocupação entre mulheres no país foi de 13,8%, enquanto de homens foi de 10,7%. Em todas as cinco grandes regiões investigadas, a situação se repete. No total, a maioria das pessoas desocupadas no país, desempregados em busca de oportunidade, são mulheres.

[6]Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2015/12/1714906-proporcao-de-familias-chefiadas-por-mulheres-chega-a-40-em-2014.shtml> Acesso em 10/05/2017

[7]Disponível em <http://www.setrerj.org.br/dados/25_pdtu.pdf>. Acesso em 11/05/2017

Fonte: Severino Silva / Agência O Dia

Percebe-se que a localização está correlacionada a questão da exclusão social, mediante a relação com o sistema de transporte. Esta relação pode ser comprovada pelos baixos níveis de mobilidade da população de baixa renda, demonstrada na pesquisa de dados do Plano Diretor da RMRJ, dependendo para o desenvolvimento dessas áreas, o acesso ao transporte público, mas levando em consideração também as características desses indivíduos, propondo alternativas e condições de deslocamento para essas famílias, pois a exclusão social está articulada, à exclusão de tantos outros serviços, como educação, lazer, cultura... localizados em sua maioria distantes das favelas ou em difícil acesso ou em áreas privilegiadas.

Assim, as diretrizes de políticas públicas devem prever para a inserção social, não somente ações direcionadas ao transporte público, mas também se estender às políticas de serviços, ocupação e usos do solo (diversificação), segurança pública e viária, entre outras, promovendo o acesso dos demais serviços, com o intuito de obter uma cidade mais inclusiva para todos (as).

Favela da Furquim Mendes em Jardim América
Fonte: a autora

4

"Segundo Patrícia Rodrigues e Léa Marques, ambas da Marcha Mundial das Mulheres, reafirmam que o vagão rosa abre brecha a ideologia e pratica de que machismo não se resolvem com medidas que criminalizem o agressor, e sim por meio da culpabilização indireta da vítima, a segregando.

Vagão exclusivo para mulheres no metrô de Brasília
Fonte: Fábio Rodrigues Pozzebom/ Agência Brasil

4. Rio de Janeiro – A vulnerabilidade da mulher na cidade

Na cidade do Rio de Janeiro, o número de mulheres supera o número de homens, tendo 3.360.629 mulheres e 2.959.817 de homens (Site IBGE). Os dados da pesquisa do Plano Diretor da RMRJ[8]comprovam que em média as mulheres fazem 0,96 viagens por habitantes/dia, enquanto os homens fazem 1,28 viagens no modo motorizado. A mobilidade masculina é, portanto 20% maior que a feminina. Em relação ao transporte não motorizado a mobilidade é próxima 0,66 contra 0,65 viagem/habitante/dias. É provável que esse indicador seja devido a diferença na divisão de tarefas entre os gêneros, que implica em padrões diferentes de deslocamento.

[8]Disponível em < http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=330455&idtema=16&search=||s%EDntese-das-informa%E7%F5es>Acesso 10/05/2017.

Assim como a forma de se locomover dos gêneros são distintas em sua maioria, a percepção da violência é vivenciada também de formas diferentes nas cidades. Na maioria dos países, as mulheres dizem sentir-se mais inseguras, com medo. Esse medo acaba restringindo o seu direito ao acesso à cidade de forma igualitária, fazendo com que limite a sua mobilidade nos espaços públicos.

No Rio de Janeiro, mesmo diante de fontes que comprovem o quanto a mulher sofre no meio urbano devido à insegurança, são poucas as propostas desse âmbito. Uma pesquisa[9] realizada em 2013, pela organização humanitária internacional ActionAid[10], em seis cidades de quatro estados brasileiros, lançou a campanha Cidades Seguras para as mulheres, depois de identificar que a insegurança favorecia a exclusão, revelou que o lugar percebido como mais inseguro é a parada de ônibus. Onde cerca de 77% das brasileiras tem medo de esperar o transporte público e 70% temem andar nas ruas, em qualquer horário,

[9]A Pesquisa ActionAid foi realizada com 306 mulheres moradoras de áreas periféricas em Pernambuco, Rio Grande do Norte, São Paulo e Rio de Janeiro, com o intuito de identificar a insegurança das mulheres nos espaços públicos, demonstrando que a falta de segurança restringe mobilidade de forma significativa.

[10] É um movimento global de pessoas que trabalham juntas para promover os direitos humanos e superar a pobreza, fundada em 1972. A ActionAid está no Brasil desde 1999.

Fonte:Disponível em:<http://www.campoformosonoticias.com/v5/2016/06/onze-cidades-protestam-em-defesa-dos-direitos-das-mulheres/>. Acesso em 29/11/2017.

e metade delas já foram seguidas em via pública. No Rio de Janeiro 91,1% das mulheres têm medo de esperar sozinhas pelo transporte. No total, 43% de todas as mulheres perguntadas já sofreram algum tipo de assédio sexual dentro do transporte público. O número no Rio de Janeiro é superior ao da metade nacional: 66,1%. Entre as prioridades para uma cidade segura para as mulheres, o transporte fica em terceiro lugar (atrás de policiamento e iluminação).

Em 2006, foi declarada a lei que obriga as empresas que administram o sistema ferroviário e metroviário do Rio de Janeiro a destinar vagões exclusivos para mulheres nos horários de maior movimento – das 6h às 9h e das 17h às 20h, de segunda a sexta-feira. Com o intuito de amenizar o assédio sofrido pelas mulheres em dias de superlotação nos vagões, e assim dar alternativa as mulheres de viajar em vagões exclusivos. Mas embora a intenção por trás do transporte exclusivo foi uma alternativa para diminuir a incidência de violência/assédio, o vagão rosa recebeu inúmeras críticas. Ativistas do movimento de mulheres não veem que a solução para o problema esteja no transporte exclusivo. Segundo elas, o vagão rosa não está colocando a mulher em segurança, entretanto protege o direito do homem de assediar, culpabilizando a mulher, por tais atos.

Segundo Patrícia Rodrigues e Léa Marques, ambas da Marcha Mundial das Mulheres, reafirmam que o vagão rosa abre brecha a ideologia e pratica de que machismo não se resolvem com medidas que criminalizem o agressor, e sim por meio da culpabilização indireta da vítima, a segregando, afirmando que espaço público como prioritariamente masculino, e o privado como feminino, reforçado como território masculino.[11]

> *Ao instituir vagões que separaram homens e mulheres no transporte público, o projeto acaba por afirmar que, para que os homens parem de assediar as mulheres, é preciso mantê-las longe deles – restringindo o nosso espaço aos vagões rosa. Essa proposta acaba por afirmar, portanto, que a única maneira de se evitar a violência é a segregação, pois os homens seriam, naturalmente, agressores, não havendo o que fazer senão separá-los das mulheres.*

A violência às mulheres é frequente e chega a ser considerada habitual, tendo as mulheres ainda marginalizadas e rotuladas como culpadas por tais agressões sofridas. Isso é reflexo de uma política falha em prover proteção e serviços de prevenção que tratem a questão segurança da mulher, demonstrando uma política que tem a tendência de relevar ou racionalizar incidentes de violência e assédio. Para combater essa violência é necessário que sejam tomadas medidas efetivas, de fato, para garantir às mulheres o direito de circularem no espaço público com segurança.

Para construir cidades justas é indispensável compreender as diferentes formas das quais os gêneros se apropriam da cidade e se locomovem no espaço urbano, de forma a amenizar as desigualdades no meio urbano e propor projetos que pensem em todas e todos; para isso, é preciso se fazer ouvir mais as vozes das mulheres, para que esses lugares passem a pertencê-las como um todo e não para limitá-las em sua apropriação espacial.

Marcha Mundial das Mulheres no Rio de Janeiro, pela igualdade de gênero e combate à violência , no centro da cidade.
Fonte: Fernando Frazão/Agência Brasil.

[11] Disponível em: <https://marchamulheres.wordpress.com/2014/07/11/nota-da-mmm-contra-o-vagao-rosa-pelo-direito-ao-espaco-publico-e-a-uma-vida-livre-de-violencia/>. Acesso em 11/05/2017.

5

Segundo Ermínia Maricato (2013), a segregação urbana é uma das faces mais importantes da desigualdade social e parte promotora da mesma.

5. Segregação espacial dos mais pobres – Luta pela apropriação do território

O surgimento da crise urbana tem como marco inicial a Revolução Industrial, em função de dois fatores: A migração da população rural para as cidades em busca de emprego e melhores condições de vida e o fim da exploração da mão de obra escrava, com o surgimento do "homem livre". O capitalismo industrial foi um dos fatores que contribuiu para a abolição, buscando sempre a ampliação de lucros e mercados, percebiam que a manutenção de uma população escrava reduzia tragicamente o número de consumidores, entretanto após a abolição não promoveram nenhum tipo de ação para a inserção do negro na sociedade, que eram despejados das senzalas, sem nenhuma perspectiva de qualidade de vida. Segundo Flavio Villaça (1986), surge o problema da habitação enquanto questão social, com o surgimento do "homem livre".

Com o desenvolvimento do capitalismo, a habitação começa a assumir a forma de mercadoria, mesmo que de forma lenta. A emergência do trabalhador livre é acompanhada da emergência de legislação urbana, para garantir a continuidade do domínio dos latifundiários, sobre a produção (BALDEZ, 1986 e OSÓRIO SILVA, 1996).

A primeira forma de habitação, como "solução" de mercado, foi o cortiço, uma moradia de aluguel, foi a primeira forma econômica, os aluguéis eram considerados exorbitantes e os e os rendimentos altíssimos, as condições oferecidas por esses espaços eram de extrema precariedade, gerando inúmeras epidemias. Surgem então as políticas de higienização, com imposição de normas higiénicas e da intervenção direta (fechamento de cortiços).

O processo de restrição era progressiva dos cortiços nas áreas centrais, o local onde o capital tinha o maior interesse econômico, onde surge o principal conflito com a presença dos pobres na área central da cidade.

Cortiço: Única forma de moradia dos pobres no séc. XIX
Fonte: site Homo Literatus

Moradia na favela do Dique em Jardim América em pleno séc. XXI
Fonte: a autora

Segundo Abreu (op. cit., p. 42)

> *Sede agora de modernidades urbanísticas, o centro, contraditoriamente, mantinha também sua condição de local de residência das populações mais miseráveis da cidade. Estas, sem nenhum poder de mobilidade, dependiam de uma localização central, ou periférica ao centro, para sobreviver. (...) A solução era então o cortiço, habitação coletiva e insalubre e palco de atuação preferencial das epidemias de febre amarela.*

Dando início a restrição e eliminação dos cortiços nas áreas centrais, utilizando como seu maior aliado a legislação, que determinava a seus proprietários a obrigação de realizar a qualificação desses espaços de caráter sanitário para reabrir o estabelecimento. Entretanto, eram proibidos de realizar estas obras pelo órgão municipal de licenciamento de construções, pois o intuito era acabar com esse tipo de moradia.

Uma série de melhoramentos foram definidos e sintetizados no programa de renovação urbana durante a administração Pereira Passos (1902-1906), porém essas melhorias não incluíam a população de menor poder aquisitivo, era somente para aqueles que poderiam pagar por ela. Com as obras de embelezamento da cidade, eliminaram a condição de habitação da população, sem oferecer nenhuma alternativa, expulsos do centro, as classes populares se dispersam e a partir deste processo começam a surgir as favelas como forma de alcançar a habitação "próxima" do centro, nas áreas periféricas, a luta por moradia, por "pertencer" a esses espaços, caracterizada pela autoconstrução e precariedade, passaram, também, a ser "perseguidas", devido as razões mais variadas, durante todo o século XX, mas a população resistiu, lutando pelo seu direito à moradia.

Segundo (MARICATO, 2013) a nova normatividade de higienização contribui para a ordenação da ocupação do solo de uma parte da cidade, entretanto também contribui, ao mesmo tempo, para a segregação espacial do mais pobres, que reflete até os dias atuais.

Moradias a margem do Rio Pavuna/ Favela do Dique

Moradias a margem do Rio Pavuna/ Favela do Dique
Fonte: a autora

Local conhecido como favelinha na favela do Dique
Fonte: a autora

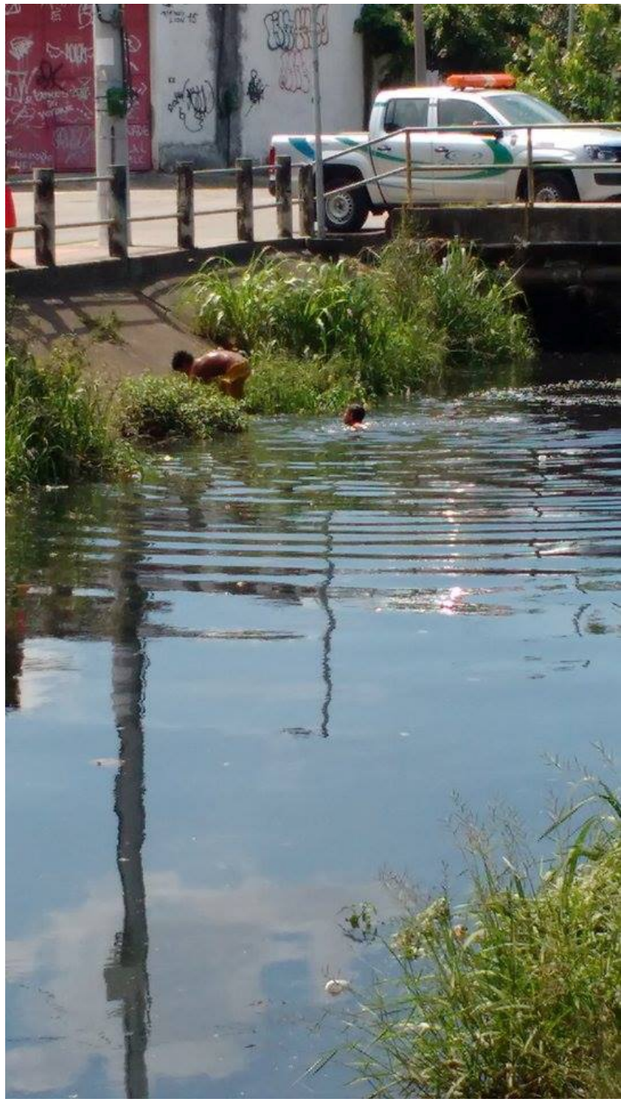
Esse processo de industrialização e do capitalismo deixam evidentes conflitos que permeiam a sociedade, principalmente o conflito entre as classes, a luta dos diferentes atores sociais pela apropriação e produção do espaço, como forma de geração de recursos, o capital, refletindo nas cidades a desigualdade extrema, onde a distribuição de renda está concentrada nas mãos da minoria. Os investimentos são aplicados em localizações precisas, onde já existe um certo investimento, a fim de aumentar a especulação mobiliaria nessas áreas, pois o regime que se calca é na acumulação do capital privado como meio de se alcançar o desenvolvimento da cidade, desenvolvimento esse, gerado em sua maioria para aqueles que podem pagar por tais serviços. Enquanto isso a população na periferia sofre, sem acesso à serviços básicos: saneamento, educação, transporte público, moradia digna, cultura, lazer...

Segundo (MARICATO, 2013), a segregação urbana é uma das faces mais importantes da desigualdade social e parte promotora da mesma. Promovendo à dificuldade de acesso aos serviços e infra-estrutura (transporte precário, saneamento deficiente, drenagem inexistente, dificuldade de abastecimento, difícil acesso aos serviços de saúde, educação e creches, maior exposição à ocorrência de enchentes e desmoronamentos etc.) somam-se menos oportunidades de emprego (particularmente do emprego formal), menos oportunidades de profissionalização, maior exposição à violência (marginal ou policial), discriminação racial, discriminação contra mulheres e crianças, difícil acesso à justiça oficial, difícil acesso ao lazer. A lista é interminável.

Segundo (LEFEBVRE, 1991) o direito à cidade passa pela nacionalização da terra, pela alienação da vida cotidiana e pela ruptura do espaço abstrato, pois o espaço capitalista urbano destrói a vida cotidiana ao suplantar o espaço social, que reproduz as relações sociais (cultura, universos simbólicos) e dinamiza o espaço abstrato, assim como a industrialização rompe com a dimensão natural dos processos ecológicos.

Quando observa-se as elevadas taxas de desemprego e subemprego presentes nesses territórios, comprovado que em 2016[12]atingiu principalmente as mulheres, onde muitas vezes crianças deixam de estudar para ajudar a mãe e os irmãos em casa, pois a mulher é a única em muitos lares, provedora e geradora de recursos, responsável unicamente para sustentar os filhos, demonstrando a particular condição de inserção de crianças no mundo do trabalho informal. A situação de vulnerabilidade social apresenta-se com diversas faces nesses espaços, sobretudo entre os jovens: baixa escolaridade, gravidez precoce, rendas ínfimas, subnutrição e vitimização em atos de violência.

[12]Fonte citada na página 7



1º Imagem acesso ao Rio Pavuna, favela do Dique
2º Crianças brincando no Rio dos cachorros.
Fonte: a autora

6

Rebeca Melo, 16 anos, gestante e mãe de uma criança de 2 anos, morta no dia 24/05/2017, por bala perdida em um confronto entre policiais e bandidos na favela Furquim Mendes em Jardim América

6. As faces da criminalidade - Marcador de conflitos territoriais

Não pode-se afirmar absolutamente que os indicadores de pobreza explicam o recrutamento de jovens para as atividades ilegais, entretanto não se pode negar que a precariedade de recursos, difícil acesso à informação, falta de investimentos na educação e cultura nesses espaços, conjugada às falhas do Estado na criação de possibilidades de ascensão social, acentue a adesão de jovens ao uso de drogas ilícitas e às práticas violentas do tráfico.

Outros fatores contribuem para o avanço da criminalidades nesses locais, é o próprio crescimento das favelas, articuladas com a migração desordenada e a informalidade dos negócios, assim como os obstáculos urbanos criados pela construção densa de tais aglomerados, os traçados das vias em sua maioria inorgânicos, fizeram das favelas alvos do crime organizado.

Por conta da rivalidade entre facções opostas, e entre elas a polícia, começa surgir uma série de combates diretos entre os" grupos" para dominar territorialmente as favelas. Disso decorreu uma corrida armamentista entre os comandos, como forma de amedrontar os adversários e inibir as invasões (ZALUAR, 1994, 2004),tornando constante os cenários de disputas territoriais, gerador de conflitos, baseadas na apropriação e na dominação territorial desses espaços.

Com o intuito de combater o crime organizado, o governo do Rio de Janeiro lançou a Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) em 2009, a partir de uma experiência piloto no Morro Santa Marta, em Botafogo. Os resultados divulgados pelo governo e pela imprensa foram positivos, as pesquisas de opinião pública mostraram apoio social e a iniciativa privada começou, pela primeira vez, a se interessar significativamente no projeto, com a escolha do Rio de Janeiro em sediar os Jogos Olímpicos de 2016 multiplicou a visibilidade do projeto, tornando-se fundamental para a política de segurança pública do estado, entretanto não existia um plano estruturado de avaliação. É claro que o projeto inicialmente foram implantados nas favelas localizadas nas áreas mais privilegiadas.

A busca do controle do território reforça práticas policiais baseadas no seu poder de fogo e na perspectiva das ações repressivas da "guerra contra os inimigos internos", estabelecidas nas últimas décadas, dificultou enormemente a adesão às normas legais que deveriam orientar a ação policial, pois o mesmo vive como mediador entre o lado da corrupção e da "justiça". Além disso, a imagem da Polícia Militar para os moradores da favela, se figura como violenta e corrupta atingindo percentuais incrivelmente altos entre os jovens, especialmente as mulheres: mais de 70% deles concordam que a PM era violenta e corrupta, chegando a 92% entre jovens de 15 a 19 anos, nas favelas do Rio de Janeiro, no qual foram realizadas as pesquisas. Fonte: http://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/9699/1/02.pdf .

Essa realidade de intensos conflitos armados, deixam a população insegura e a mercê dessa violência constante, limitando os seus passos, ao acesso à educação, serviços, trabalho e lazer, sendo obrigados a deixarem os seus afazeres, obrigações e rotinas cotidianas, levados pelo medo e a insegurança, gerado nesses locais de extrema desigualdade social e pobreza. A limitação gerado por esses espaços são tanto físicos como abstratos, físicos através de barreiras (barricadas) inseridas nas entradas das favelas como forma de conter as invasões, restringindo constantemente o acesso de moradores, impossibilitados de acessar com facilidade sua própria moradia, principalmente de mulheres grávidas, com criança de colo ou carrinho de bebê, em alguns casos são obrigados a alterar o seu trajeto, por entradas similares, em percursos muitas vezes mais distantes, como alternativa.

A mera presença de policiais nessas áreas restringe a mobilidade da população, que espera a qualquer momento um confronto armado e preferem não riscar em sair de casa e contar com a "sorte" na hora de voltar para os seus lares. Ao conversar com alguns moradores nas favelas de estudo, ficou claro que a figura da polícia traz mais insegurança que os próprios traficantes, relatados pelos moradores que essa sensação é gerada pela grande corrupção desses policiais e o uso excessivo do poder, abusivo, hostilizando e violentando os direitos dos cidadãos, não respeitando os moradores. Outro fator é a questão da maioria dos traficantes serem moradores desde pequeno dessas áreas, possuindo uma relação direta de convívio com muitos moradores, além de ser as figuras que "mais" intervém em situações de conflitos entre os próprios moradores, eles ditam as regras, leis e punições que devem ser seguidas, garantindo o controle e a "ordem" nessas áreas.

Um dos acessos da favela do Dique
Fonte: a autora

7

A insegurança reflete no comportamento e na forma que as mulheres se apropriam dos espaços públicos, onde 100% das mulheres entrevistadas já deixou de sair de casa em determinado horário, com receio de sofrer algum tipo de assédio ou violência.

Fonte: Fernando Frazão/ Agência Brasil
Marcha das vadias no Rio de Janeiro em 2014 em defesa dos direitos femininos

7. Invisibilidade das mulheres em Jardim América

No estado do Rio de Janeiro a cada duas horas uma mulher é vítima de violência sexual, meninas de zero a 13 anos são 45% das vítimas, 32% dos casos ocorrem no âmbito doméstico e/ou familiar. A violência doméstica é incontestável, entretanto deve-se considerar que 68% dessas vítimas sofreram violência sexual no espaço público.

Em 2015, segundo a pesquisa do ISP-RJ, duas mulheres por dia denunciaram as condutas de importunação, assédio e estupro no Rio de Janeiro. Um número considerado muito baixo de denúncias comparado aos diversos relatos que muitas mulheres vivenciam ou ao que se apresenta nas redes sociais. Entretanto segundo dados de outra pesquisa, o 9º Anuário de Segurança Pública em 2014, estima-se que a cada 11 minutos uma mulher sofre esse tipo de violência no país. Número que pode ser ainda maior, pois, a mesma pesquisa estima que apenas 35% dos casos ocorridos são registrados em boletins de ocorrência.

A partir das reflexões desenvolvidas nos capítulos anteriores com base em dados que apontam a vulnerabilidade e a violência às mulheres no espaço público, foi realizado uma pesquisa em sete favelas consideradas do bairro de Jardim América: Projetada do Dique, Ficap, Renascer, Furquim Mendes, Beira Rio, Terra Encantada e Gringolândia, localizadas no município do Rio de Janeiro, no total foram entrevistadas 43 mulheres entre as faixas etárias de 14 a 59 anos, com o intuito de comprovar ou não a hipótese de estudo; - que a sensação de insegurança no espaço público limita a mulher ao acesso à cidade de forma justa e plena- e diagnosticar as problemáticas da área na vertente de mobilidade urbana, direcionando assim com mais precisão as intervenções, considerando o grau de emergência e necessidade na área de estudo, ao qual acredito que irá promover a justiça social, por meio da criação de espaços inclusivos e vitais, sendo um caminho possível para a redução da vulnerabilidade à violência e assédio as mulheres.

As entrevistas qualitativas foram realizadas: em pontos estratégicos; tais como principais entradas de acesso à favela, nas quais ocorrem os principais confrontos e há presença significante de barreiras que dificultam o acesso, sendo objetos limitadores; e em áreas onde a iluminação é ineficiente ou inexistente, as quais são evitadas em determinado horário do dia. As perguntas foram focadas nas temáticas de segurança e insegurança, transporte público e iluminação.

As faixas etárias foram traçadas com base no resultado de pesquisa do Plano Diretor de Transporte Urbano da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, comprovou que a idade é um dos fatores que tem grande relação com a mobilidade -na medida em que interfere nas atividades-, sendo fator norteador na escolha da faixa etária das mulheres entre 14 à 59 anos*, no qual se destacam na mobilidade motorizada ou/e não motorizadas .

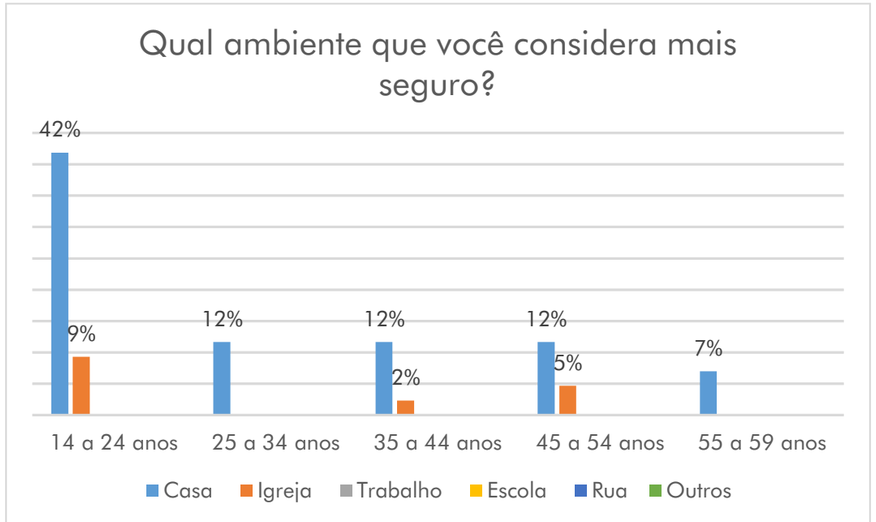
A violência a mulher, em geral, é associada a violência doméstica, em que planejar a cidade para a mulher em sua maioria é garantir que o seu papel de dona de casa, embora os resultados de pesquisas apontem para um cenário assustador de violências constantes nos espaços públicos o qual a legislação brasileira costuma chamar o crime de assédio de 'importunação ofensiva ao pudor', pois a mesma só considera assédio o crime cometido a partir de relações de hierarquia como ocorre no ambiente de trabalho ou acadêmico, o que abre brecha para uma politica falha e paliativa que tem tendência de relevar a incidentes de violência e assédio, evidencializando a ineficiência em promover espaço equitativos e inclusivos.

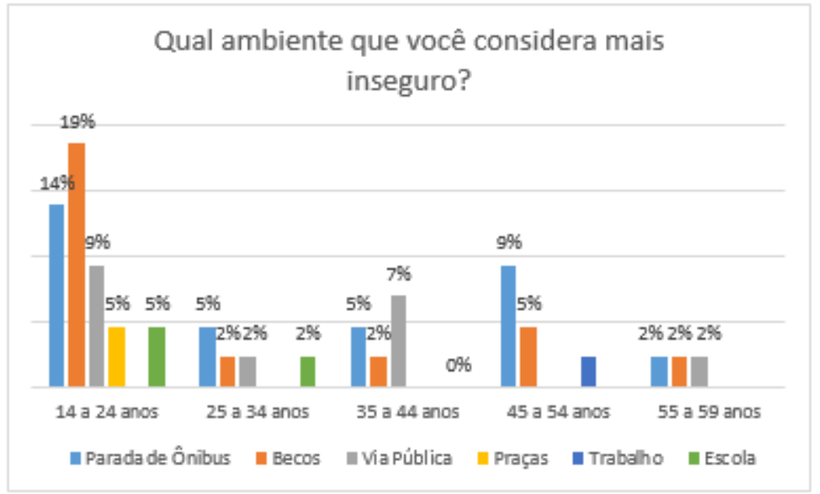
Se é certo que a violência de gênero começa em casa, também é certo que ela acompanha as mulheres por onde elas passam![13]

[13]Disponível em: <http://actionaid.org.br/noticia/dossie-mulher-2016-por-que-precisamos-de-cidades-seguras-para-mulheres/>. Acesso em 28/11/2017.

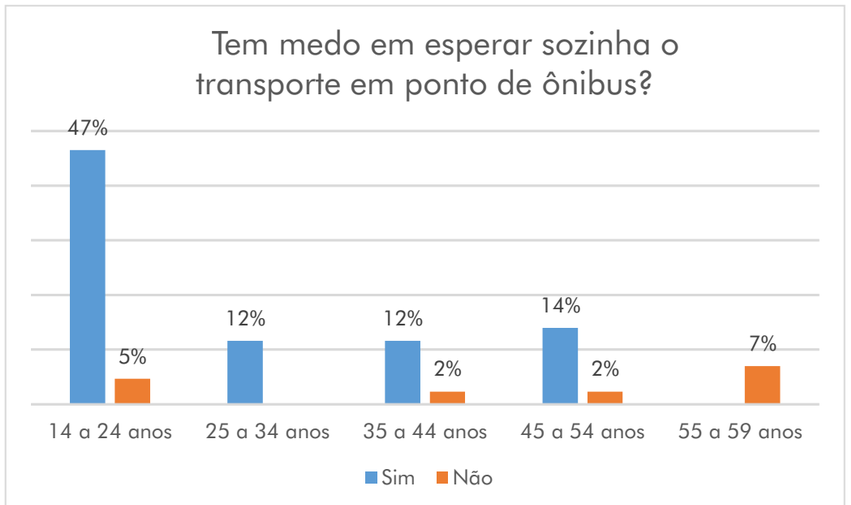
Ao Perguntar qual o ambiente que consideram mais seguro, a maior parte das mulheres, responderam que era a própria casa com 85%, o que afirma que os espaços públicos não promovem a segurança devida para as mulheres. A igreja foi o segundo lugar mais citado. Nenhuma das entrevistadas se sente mais segura no trabalho, e, especialmente, na escola, citada por algumas mulheres como o local onde se sentem mais inseguras. No qual pode constatar para a existência de situações que são frequentemente denunciadas pela imprensa e pela literatura especializada, como o assédio moral e sexual, a violência nas escolas, e o abuso de poder no local de trabalho.

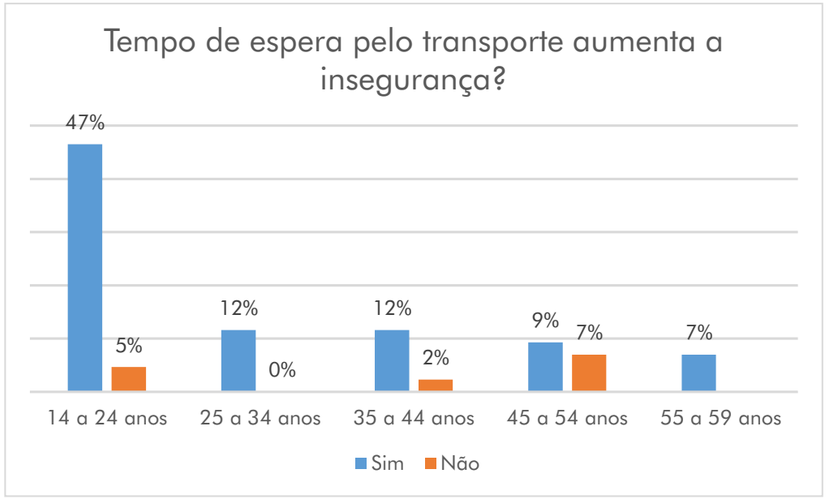
Os espaços públicos foram citados como os mais inseguros, como: Parada de Ônibus, Becos, Via Pública e até praça, um local de lazer e convívio foi citado com 5% . Comprovando a falta de política pública que promovam a visibilidade dessas mulheres nesses espaços, a qual deveria considerar a particularidade dos gêneros na apropriação da cidade, e não generalizar o problema como uma questão somente de policiamento.



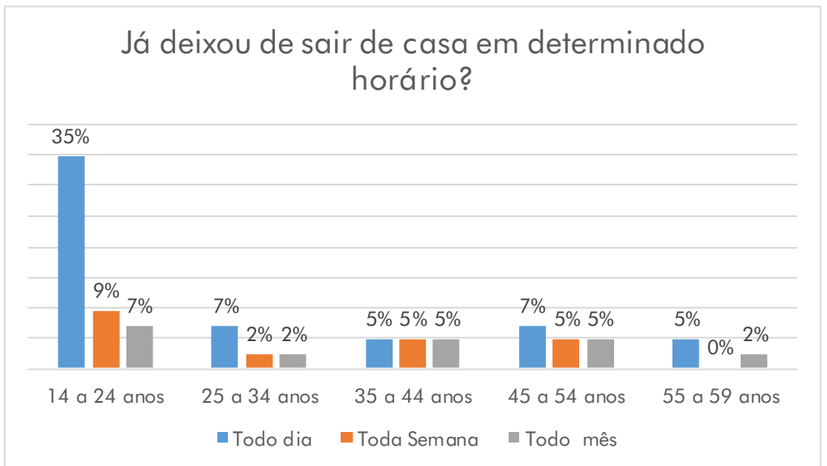


Ao perguntar as entrevistadas se elas tinham medo de esperar sozinha o transporte em ponto de ônibus, 85% afirmaram que sim, em função da iluminação precária nesses pontos e os longos intervalos de tempo de espera pelo transporte, o medo se acentua à noite, onde as ruas ficam mais desertas. Cerca de 80% afirmaram que o tempo de espera aumenta a sensação de insegurança.

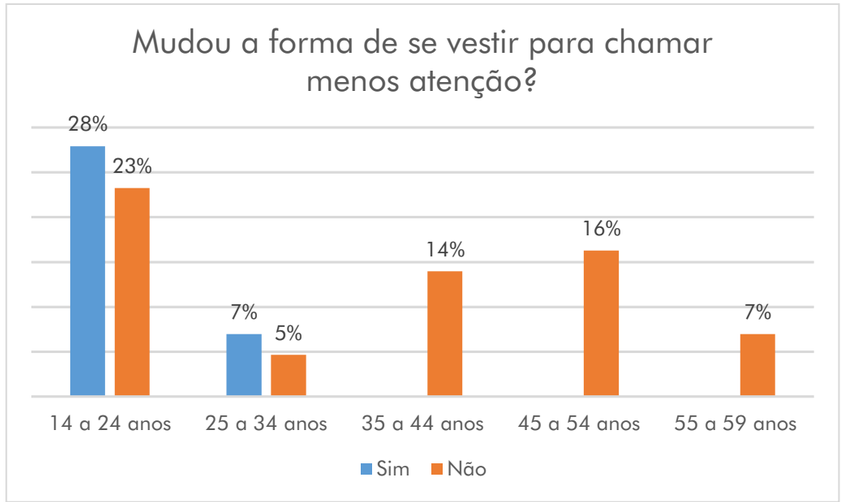




Isso reflete no comportamento e na mudança da forma das mulheres se apropriarem dos espaços públicos, onde 100% das mulheres entrevistadas já deixou de sair de casa em determinado horário, com receio de sofrer algum tipo de assédio ou violência, com 52% que isso ocorre todos os dias e 21% toda semana, um dado alarmante de um cenário que precisa urgentemente ser alterado, um número tão alto que já dá a ideia do tamanho da gravidade do problema. O homem tem medo de ser assaltado, a mulher, além disso tem o medo do estupro. No Brasil a cada três horas uma mulher é estuprada.

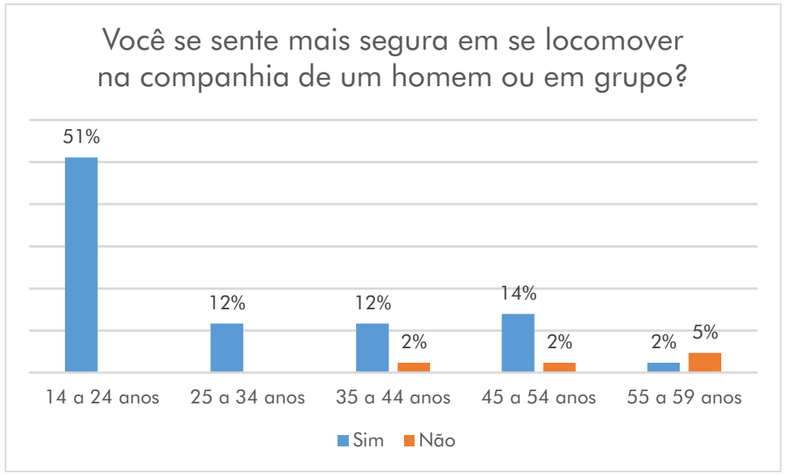


Com o intuito de chamar menos atenção, cerca de 35% das entrevistadas mudou a sua forma de se vestir para chamar menos atenção, pois a vítima ainda é frequentemente culpabilizada pelo assédio sofrido, tratado por muitas pessoas, como uma questão cultural, "coisa de homem", ao qual a mulher é sujeita a aceitar tal comportamento, naturalizado nessa sociedade machista e patriarcal.



Ao perguntar se sentiam mais seguras em se locomover na companhia de um homem ou em grupo, no total 89% responderam que sim, o que retrata que a mulher sozinha no espaço público é constatado como se ela estivesse disponível, acessível à "investidas".

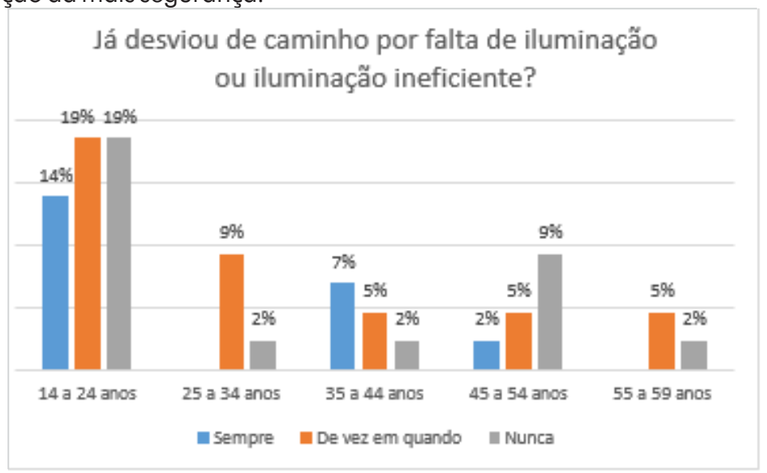
Na pesquisa realizada em 2013, pela campanha Chega de Fiu Fiu,[14] feita com 7.762 mulheres, pelas jornalistas Karin Hueck e Juliana de Faria. A pesquisa constatou que 99,6% das mulheres entrevistadas já foram assediadas, 82% já foram agarradas na balada e 85% já passaram a mão na balada e 90% declararam já ter trocado de roupa com medo do assédio que poderiam sofrer ao sair de casa.

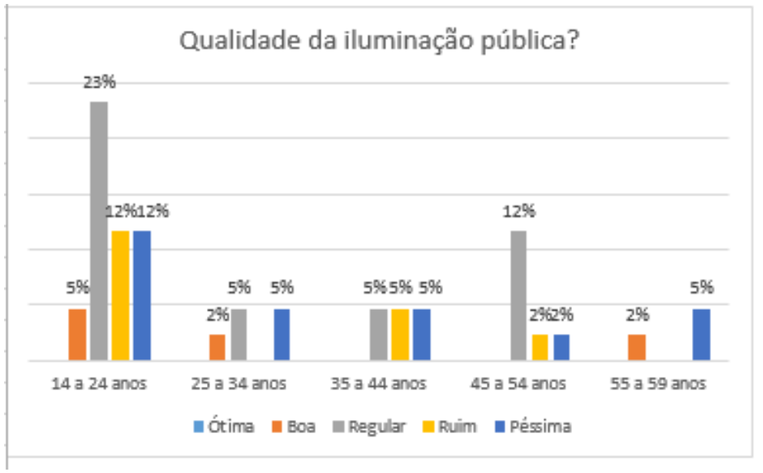


[14] É uma campanha tem o intuito de combater o assédio sexual em espaços públicos. Inicialmente, foram publicadas ilustrações contra esse tipo de violência. Devida a grande repercussão positiva, com milhares de compartilhamentos, acabou se tornando um grande movimento social contra o assédio .

Um dos fatores que aumenta a sensação de insegurança, a incidência a violência/assédio e a restrição na locomoção, é a falta de infraestrutura qualificada, acentuando essas problemáticas em áreas mais precárias/periféricas, devido principalmente a falta de investimento e de recursos nesses locais, pois os mesmos não contam para a dinâmica do mercado mobiliário. Esse cenário de extrema precariedade no abastecimento de serviços públicos urbanos tem transformado a vida das mulheres nas cidades, principalmente das mulheres pobres, em um ato de resistência. Constatado nas entrevistas que a falta/ineficiência de serviços contribuem para a restrição/limitação do acesso à cidade.

Onde 23 % das mulheres afirmaram que sempre desviam o caminho por falta de iluminação ou iluminação ineficiente, classificadas pela maioria como regular 45%, ruim19% e péssima 24% a iluminação no bairro. Ao qual 86% afirmaram que a iluminação dá mais segurança.





8

A área de intervenção está localizada no limite do município do Rio de Janeiro com o município de duque de Caxias, no bairro de Jardim América.

RECORTE

PARQUE ANALÂNDIA

PARQUE LAFAITE

PARQUE LAGUNAS E DOURADOS

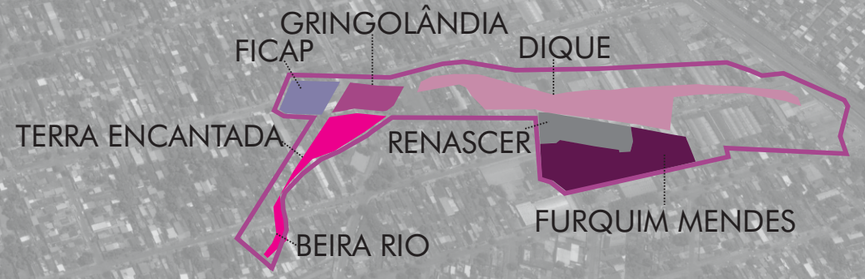
25 DE AGOSTO

PAVUNA

JARDIM AMÉRICA

VIGÁRIO GERAL

IRAJÁ



8.1 Localização

O bairro Jardim América, está localizado no limite do município do Rio de Janeiro, Localizado próximo à Rodovia Presidente Dutra e à Avenida Brasil, onde contribui para a importância e valorização do bairro, possuindo inúmeras empresas, muitas do setor de serviço, ligadas sobretudo ao transporte rodoviário, devido à sua localização privilegiada. O bairro faz fronteira com Pavuna, Parque Colúmbia, Irajá, Parada de Lucas e Vigário Geral, além do bairro de Parque Lafaete, localizado na cidade de Duque de Caxias, ao qual possui grande centralidade com o município, já que a demanda por serviços no local não atende as necessidades dos seus moradores. Dentro do perímetro do bairro há a favela Parque Proletário do Dique, área que será objeto de estudo.

As Favelas da Furquim Mendes e Renascer, fazem parte do bairro de Vigário Geral, entretanto a continuidade no tecido urbano e o fácil acesso ao bairro de Jardim América faz com o que os moradores se sintam pertencente ao bairro.

O que ocorre também com a favela da Terra Encantada, Beira Rio, Gringolândia e da Ficap, ambas fazem parte do bairro da Pavuna, porém devido o difícil acesso ao bairro de origem, pois a Rod. Presidente Dutra corta o bairro, onde se localiza as favelas, predominando no local o uso de residências e de industrias. O bairro de Jardim América, por apresentar fácil acesso a serviços, acabou adquirindo grande centralidade para essas favelas.

8.2 História do bairro

O elevado custo de habitação é o elemento norteador para entender a multiplicação das favelas, já que o salário dos trabalhadores não acompanhava o aumento constante do custo de vida na grande cidade, a favela acaba se tornando a solução para o acesso à moradia. O crescimento acelerado dos aglomerados e da população nas favelas, ocorre devido ao processo de industrialização, intensificando o fluxo de migrantes para a cidade, diante da dimensão desses espaços extremamente precários, que avançam no perímetro das áreas centralizadas, começam a surgir discursos, com o intuito de acabar com essa forma de habitar.

No início da década de 50 a cidade do Rio de Janeiro vive um cenário de resistência e luta nas favelas que expandiam para as áreas de valorização mobiliária, sendo um tema de maior importância a ser discutida na época, tratada como um problema básico do Rio de Janeiro, com foco de perigo a ordem social.

Inicia-se então uma mobilização na política de habitação, criando espaços para a população de baixa renda fixar moradia fora das áreas nobres da cidade fazendo com que grandes obras públicas fossem iniciadas. Por intermédio desses processos de urbanização que se originou o bairro de Jardim América, por meio do Projeto de Arruamento e Loteamento Proletário, no terreno situado à Rodovia Presidente Dutra. O loteamento, de 1957, resultou em 39 logradouros, 2782 lotes residenciais, 124 comerciais e 90 industriais atravessados pelo Rio dos Cachorros e pela faixa das linhas de transmissão elétrica da Light, faz divisa com o Rio Acari e o Rio Pavuna. Tem uma geografia predominantemente plana, o mesmo foi planejado inicialmente, tendo à princípio uma ocupação ordenada, nfra estruturado e saneamento básico.

8.3 Jardim-América - Surgimento das suas favelas

As informações inseridas neste tópico foram obtidas basicamente por meio de entrevistas com os responsáveis das Associações de moradores, sendo a única fonte de informação.

Ficap surgiu em 1982, a partir de um ocupação de uma fazenda. É a "mais" infra-estruturada das favelas do bairro, ao qual possui saneamento, iluminação, pavimentação e coleta de lixo. O único equipamento na área é a creche Visconde de Sabuco. Onde encontra o único projeto social da empresa SMS de música, direcionado para as crianças da comunidade

Gringolândia surgiu em 2005, a partir de uma ocupação na Fábrica Colatinex e de uma transportadora, começando com 4 a 5 barracos, atualmente tem um total de 480 residências. A mesma encontra-se em processo judicial, porém nas duas audiências perdeu o direito de remoção. No local não tem esgoto, água potável, iluminação e pavimentação. Um dos grandes problemas é quando o cano fora a água clandestina mistura com esgoto, causando surto de epidemias no local.

Terra Encantada surgiu em 2000, a partir de uma ocupação da Fábrica de aço Metropolitania, a primeira fábrica instalada na área, a mesma foi abandonada devido à dividas, assumida atualmente pela Caixa Econômica e o Banco do Brasil. A área no momento encontra-se em processo de remoção.

Furquim Mendes e Renascer, no princípio era mata fechada, conhecida como Maloca, só tinha mato, a infraestrutura que existe a princípio foi iniciativa dos próprios moradores. Atualmente o local está com o projeto morar carioca. No local não há pavimentação, esgoto e a iluminação é ineficiente.

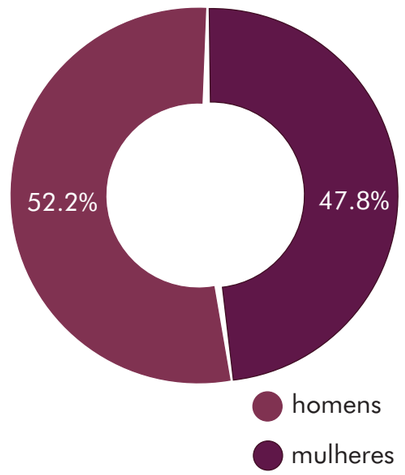
:

8.4 Dados quantitativos

A população do bairro Jardim América em Rio de Janeiro é de aproximadamente 25.226 habitantes, composto por 12.058 homens e 13.168 mulheres, cerca de 71% de habitantes com a faixa etária entre 15 e 64 anos. O que aponta que a maioria da população é composta por mulheres adultas, parcela da população que deve ser priorizada por seu quantitativo e especificidades. Visto que esse dado não é considerado, já que não há equipamentos público ou espaços público, direcionado para as mulheres do bairros, gerando a sensação das mulheres não pertencerem a esses espaços.

População do bairro Jardim América			
Faixa etária	População homens	População mulheres	Porcentagem
De 0 à 14	2247 hab	2151 hab	17%
De 15 à 24	2313 hab	1922 hab	17%
De 25 à 34	2.009 hab	2.116 hab	16%
De 35 à 44	1.696 hab	1.933 hab	14%
De 45 à 54	1.695 hab	2.058 hab	15%
De 55 à 64	1.063 hab	1.304 hab	9%
De 65 à 74	564 hab	905 hab	6%
Acima de 72	470 hab	766 hab	6%
Total por gênero	12.058 hab	13.168 hab	6%
Total de habitantes: 25.226 habitantes			

Dados obtidos so Censo do IBGE de 2010



8.5 Uso do solo

Observa-se que o uso predominante das favelas de estudo em geral é de residência de 1 a 2 pavimentos, caracterizado por moradias precárias. Tendo eixos de comércio de pequeno porte em ruas principais das favelas, entretanto sem muita expressividade, pois não possui grande variedade e demanda para atender a população local, nas demais são inexistente ou ocorrem esporadicamente, demonstrado no *mapa de uso e ocupação na página 48*.

- Na favela do Dique o comércio predominante é na rua do Dique.
- Na favela do Renascer o comércio predominante é na Av. Renascer.
- Na favela da Furquim Mendes o comércio predominante é na Rua do Furquim Mendes
- Na favela da Terra Encantada, Gringolândia e Ficap o comércio predominante é na Av. Cel. Phidias Távaro. Sendo expressiva em grande parte da favela o uso industrial, devido a sua proximidade com a Rodovia Presidente Dutra.

Local conhecido como favelinha na favela do Dique
Fonte: a autora

No entorno imediato (*considerado o bairro de Jardim América*), o uso predominante é residencial com gabarito de até quatro pavimentos, com a exceção da empresa Acelétrica, com 7 pavimentos, porém o uso industrial se faz presente gradativamente com a proximidade com a Rod. Presidente Dutra e a Avenida Brasil. O comércio na área é mais restrito a comércio de pequeno porte, com predominância nas ruas Franz Liszt e Monsenhor Castelo Branco, o que demonstra a demanda existente por comércio que atenda melhor a população. Devido à escassez de serviços, a população precisa sair do bairro para ter acesso a serviços básicos, caracterizando o motivo da expressiva centralidade com Duque de Caxias, e a tão conhecida Praça II, localizada em Vigário Geral.

As áreas de lazer em sua maioria são inadequadas, sem manutenção e infraestrutura, originam lugares desertos e com maior probabilidade de assaltos. A ausência de iluminação e mobiliário nas praças que muitas vezes parecem ter sido executadas apenas por conta de uma sobra de terreno, não oferecem condições adequadas para a permanência e lazer.

Nas favelas de estudo foi diagnosticado áreas com grande potencialidade vazias, sem uso, servindo apenas como barreiras físicas e abstratas, causando grande insegurança principalmente para as mulheres à noite. Com relato de estupros no local.

Pracinha do Dique degradada
Fonte: a autora

8.6 Ocupação do solo

O bairro de Jardim América encontra-se na zona AP 3.5, classificada como zona residencial praticamente em todo o seu território, em sua franja predomina o uso industrial, próximo a Rodovia Presidente Dutra, Rio Acari e o Rio Pavuna.

O zoneamento entra em contradição com o uso atual na área classificada com o uso industrial, próximo ao Rio Acari e o Rio Pavuna, pois desde 1982 a mesma sofre com o processo de ocupações informais de terrenos e fabricas abandonadas. O que torna aparentemente essas áreas invisíveis, pois as mesmas deveriam ser classificadas como ZEIS, para que fosse priorizado melhorias nesses locais de extrema precariedade, entretanto poucos foram os investimentos.

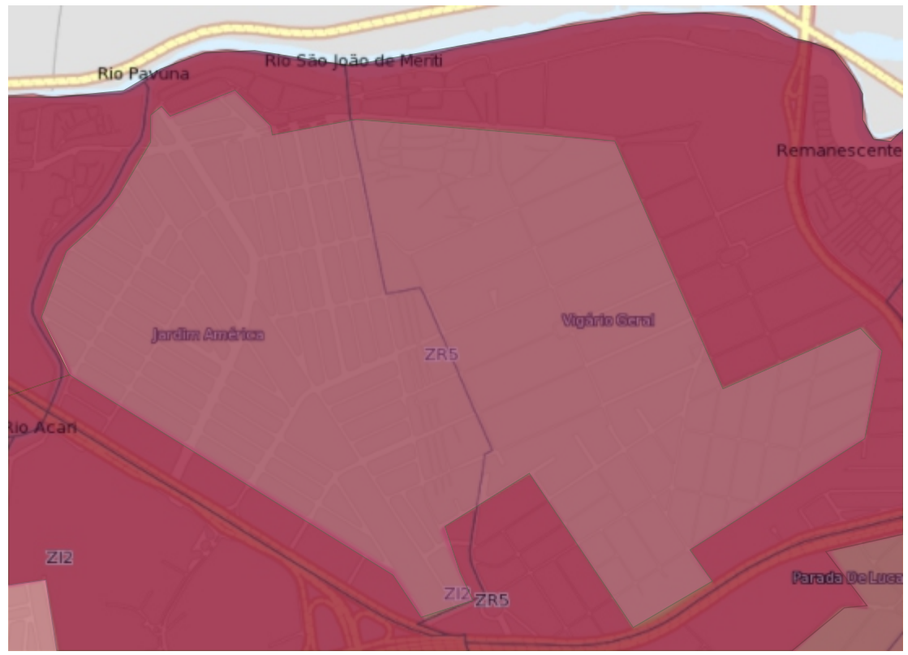
Em 2016 começaram as obras do projeto morar Carioca de urbanização nas favelas do Dique e Furquim Mendes, as obras seguem em ritmo bem lento.

O projeto Morar Carioca prever a remoção de milhares de famílias localizadas nas favelas Beira Rio e Gringolândia, alegando que as mesmas encontra-se em área de risco, porém acredito que a remoção não seja a solução mais viável, apenas das habitações a margem do Rio Acari e o Rio Pavuna as demais necessitam de projetos de requalificação junto com o apoio da assistência técnica, não sendo necessária a desapropriação de favelas tão consolidadas no tecido urbano, o qual possuem uma relação de pertencimento nesses locais, além disso o projeto prever apenas o reassentamento de uma parte desses moradores, próximos a área de origem.

O que deixa evidente os interesses do poder público que é da propriedade tratada como mercadoria, pois justamente as duas favelas que encontram-se em processo judicial para desocupação desses terrenos. Reforçando a perspectiva do empreendedorismo neoliberal na cidade do Rio de Janeiro.

Campo do Gigantão na favela da Furquim Mendes utilizado para canteiro de obra do projeto Morar Carioca.
Fonte: a autora

MAPA DE ZONEAMENTO



Zona Industrial
Zona Residêncial

8.7 Referências Teoricas

"Stop Telling Women to Smile"

O projeto busca o empoderamento das mulheres nos espaços públicos, com o intuito de combater o assédio e a violência. Mostrando que caminhar em um espaço público não torna o corpo das mulheres disponíveis.

A artista estudante canadense Tatyana Fazlalizadeh resolveu usar os muros das cidades para confrontar o assédio e conscientizar os homens de tais atos. O "Pare de mandar as mulheres sorrirem" "Stop Telling Women to Smile, em inglês", começou em 2012, no bairro do Brooklyn, em Nova Iorque, e já se espalhou por outros estados dos EUA.

"O trabalho usa retratos de mulheres, compostos com frases que falam diretamente com os agressores em espaços públicos. O trabalho nasceu da ideia de que a arte de rua pode ser uma ferramenta de impacto para parar com esses abusos", afirma a artista.

Fonte: site Marie Claire

Cidades Seguras Para Mulheres

A campanha Cidades Seguras Para as Mulheres, lançada em agosto de 2014, relata um ambiente urbano desejável para todos e todas. Destacando a importância de serviços, como: creches, iluminação nas ruas, moradia, delegacias da mulher, políticas sensíveis de segurança pública, transporte público de qualidade, para tornar as cidades mais equitativas e seguras para as mulheres.

Realizada pela Action Aid, em parceria com diversos movimentos sociais e organizações, a Campanha traz uma plataforma online que detalha cada um dos pontos enumerados acima e apresenta relatos de mulheres que sofreram violências e histórias de superação. Como estratégia, a iniciativa retrata a cidade que temos – na qual uma em cada três mulheres é estuprada, agredida ou abusada sexualmente – e aponta para aquela que queremos, uma cidade segura e equitativa.

Col-lectiu Punt 6

Cooperativa Col-lectiu Punt 6, em Barcelona (Espanha) desafiar pensar a cidade e os seus equipamentos na perspectiva feminina, por meio de diálogos e reflexões que torna evidente a necessidade de repensar os espaços públicos a partir da ótica da vida cotidiana, considerando a particularidade dos gêneros na construção da cidade.

Contudo, destacam a necessidade de garantir cinco qualidades urbanas: proximidade, diversidade, autonomia (acessibilidade universal, segurança e a disponibilidade para usar os espaços a qualquer hora do dia e se sentir segura); vitalidade; e a participação nos processos de tomada de decisões urbanas.

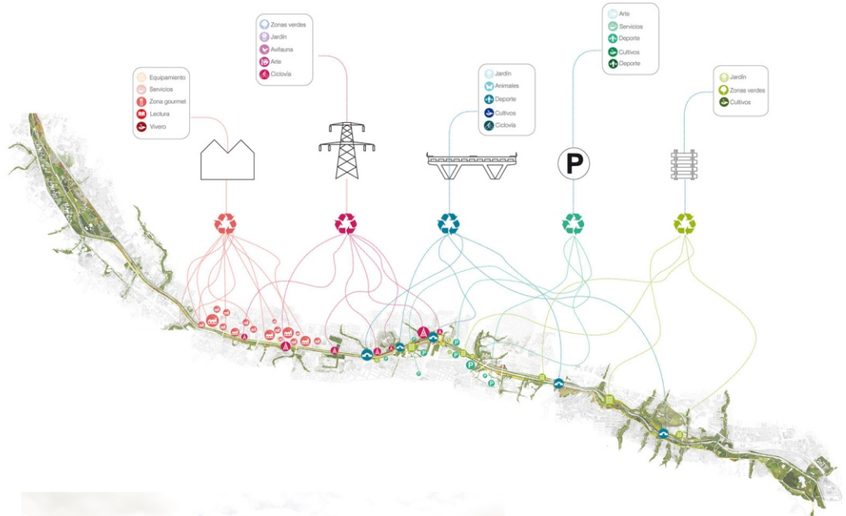
Fonte: site Col.lectiu punt 6

8.8 Referências Projetuais

Parque Medellín

Proposta vencedora do concurso público internacional de revitalização do Rio Medellín, Colombia. O projeto procura regenerar as áreas adjacentes ao rio com o intuito de conectar a cidade por meio de novos espaços públicos. As potencialidades das intervenções estão justamente na transformação das problemáticas em oportunidades de mudanças no desenho urbano, a proposta apropria-se do rio como elemento estruturador das estratégias projetuais.

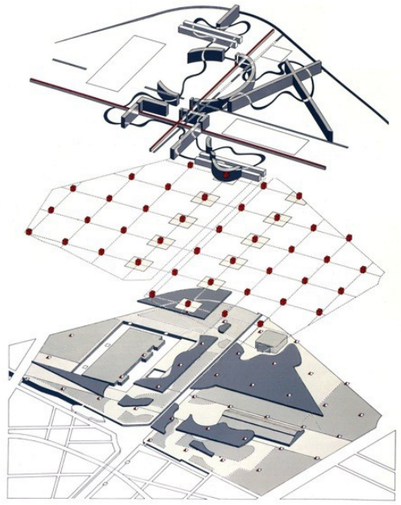
O projeto possui quatro estratégias: estabelecer o rio como eixo ambiental de Medellín, incluir os riachos, integrar os vazios verdes à rede ecológica da cidade e reciclar os espaços abandonados que apresentam potencial.



Fonte: Pinterest

Parque La Villette

O parque de la Villette é um parque urbano, em Paris . No total há 21 “folies” (loucuras em francês) espalhadas pelo parque, que são os pontos estratégicos de encontro projetado no parque. Sua forma oferece uma variedade de funções, promovendo a diversidade de usos e a segurança no local.



Fonte: Archdaily

ANÁLISE

MACROESCALA

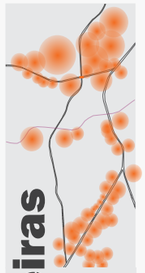
As vias, as favelas

As favelas surgem por falta de política de habitação e se radicalizam por meio das reformas urbanas, diretamente relacionada ao processo excludente dessa urbanização e da produção de habitação pelo Estado durante todo o século XX. Esse processo de favelização resulta de um tecido escassado e descontinuo, propicio a surgir ocupações ilegais e irregulares, principalmente em locais de preservação, áreas de risco e áreas alagáveis, configurando-se como a única possibilidade de acesso ao solo urbano.

Para Maricato (2000), há uma flexibilização na aplicação da lei, que permite ocupações ilegais como forma de "acomodar" os pobres nas cidades, ou seja, a ilegalidade foi e ainda é parte do modelo de desenvolvimento urbano brasileiro.

As ocupações a margem das avenidas se intensificaram com a política de remoção de Carlos Lacerda, com a criação de conjuntos habitacionais na Avenida Brasil, sem qualquer infraestrutura, este processo se deu como um grande vetor de expansão urbana, sobretudo de favelização nessas áreas, até os dias atuais.

Barreiras



Apesar de ser um eixo bem diverso, não podemos considerá-lo como um espaço vital, por diversos motivos: A margem desse eixo rodoviário existe um número significativo de industrias de grande porte, o qual ocupam grandes quadras, além da presença constante de muros em todo o percurso, estas industrias ficam localizadas próximas a habitações segregadas, que causam inúmeros impactos para a mobilidade urbana desses moradores, sobretudo as mulheres, pois tornam as ruas monotónas, desertas e sem vida urbana quase o dia inteiro. Além disso aumenta a sensação de vulnerabilidade, insegurança e incidências a violência nesses locais, sendo evitadas a qualquer hora do dia.

O rio

Dentro do contexto urbano o Rio Pavuna/Meriti apresenta-se como barreira, além de sofrer grande pressão de ocupações que causam impacto socioambiental significativas, por meio de moradias informais e industrias, que despejam constantemente seu esgoto in natura e despejam resíduos industriais. Tais ocupações não proporcionam nenhuma relação do meio urbano com o natural, pelo contrário, negam a sua existência. As favelas encontra-se em uma relação contraditória com o meio natural: ao mesmo tempo que são nocivas, elas dependem e possuem relação de pertencimento.

ANÁLISE

MOBILIDADE URBANA

RUPTURA DO TECIDO URBANO

RIO PAVUNA

TRAVESSIA DE ACESSO A DUQUE DE CAXIAS

0,50 km

32 min
Duque de Caxias

9 min
Duque de Caxias

4,33 km

32 min

ÁREA DE EXTREMA PRECARIEDADE

ÁREA DE EXTREMA PRECARIEDADE

1,57 km

ESTAÇÃO DE TREM DE VIGÁRIO GERAL

N

ACUMULO DE LIXO

TERRENOS VAZIOS

PONTO DE ÔNIBUS EXISTENTE

USO INDUSTRIAL

USO RESIDENCIAL

CENTRALIDADE

ESGOTO A CÉU ABERTO

BARREIRA

0 125 250 500m

RUPTURA

A área de intervenção está localizada no limite do município do Rio de Janeiro e do município de Duque de Caxias, numa região de franja, o território possui seu tecido urbano descontínuo, o que causa a ruptura com os bairros adjacentes, apresenta um elevado grau de isolamento. Além da distância física em relação aos centros urbanos, principalmente do Rio de Janeiro, a ocupação ainda tem o seu acesso restrito por vias de grande movimentação: Rod. Pres. Dutra, Av. Brasil, Via Expressa Pres. João Goulart e a rua Bulhões Marciel, bem como o Rio Pavuna. O que Justifica a grande centralidade das favelas localizadas no bairro de Pavuna e Vigário Geral com o bairro de Jardim América. Já o bairro de Jardim América possui grande centralidade com Duque de Caxias, por ser um grande pólo comercial e industrial do município do Rio, entretanto o acesso a Duque de Caxias é extremamente arriscado para os pedestres, pois o acesso principal que dá a Rua Bulhões Marciel, não possui iluminação. O acesso é feito por meio de um corredor estreito e extenso (0,80/200m), com presença de muros dos dois lados, de terreno vazio e pelo terreno da transportadora, entretanto pouquíssimas pessoas se arriscam ainda durante o dia, mas a noite o acesso se torna impossível. A travessia que dá acesso ao município encontra-se degradada, e no final da mesma não há calçada. O acesso a Duque de Caxias a pé ou de bicicleta é um ato de resistência principalmente para as mulheres. O caminho que levaria 30 minutos a pé e 19 minutos de bicicleta são poucos utilizados, por medo de assaltos, assédios e estupros. Com caso de estupro e morte próximo do local.Além da setorização de usos, há presença significativa de terrenos vazios, ociosos e subutilizado, onde há presença significante de muros, tornam-se barreiras físicas, resultando em áreas desertas e inseguras, evitadas a qualquer hora do dia, com casos de estupro e morte de mulheres moradoras da área. A própria estruturação morfológica do tecido urbano na favela e a falta de infraestrutura dificulta a mobilidade e o acesso à cidade de forma justa e eficiente, além dos conflitos armados constantes na área.

ANÁLISE
SERVIÇOS

VAZIOS URBANOS X ESPAÇOS ABANDONADOS

N

TERRENOS VAZIO

TERRENOS DA CEDAE

TERRENOS OCIOSO

TERRENOS SUBUTILIZADO

VAZIOS URBANOS

VAZIOS URBANOS

TERRENOS SUBUTILIZADO

2 - 4 km

ESCOLA

CRECHE

CAMPO DE FUTEBOL

PRAÇAS

POSTO DE SAÚDE

0 125 250 500m

Áreas livres

O contexto da história das favelas, encontra-se na luta pelo direito à moradia, caracterizado em ocupações de fazendas e fábricas abandonadas, seu crescimento urbano foi gradativo, disperso e difuso em grande parte das favelas. Apesar de ser uma ocupação informal de densidade alta, as moradias não ocupam a totalidade da área, apresentando áreas permeáveis, ainda não ocupadas, bem como inúmeros terrenos vazios, ociosos e subutilizados com fins especulativos e áreas abandonadas, que são verdadeiras molas de segregação, injustiça e insegurança, que problematizam o acesso à cidade de forma justa e eficiente.

Barreiras

Percebe-se que as áreas mais carentes das favelas sofrem com a pressão do crescimento e adensamento, pois são vazios ocupados recentemente, os quais não possuem qualquer tipo de infraestrutura. As moradias são construídas de forma dispersas e difusas, geram inúmeros vazios, vazios esses que serão provavelmente ocupados futuramente, causando inúmeros impactos para a saúde dessas pessoas. Visto que os locais com o melhor abastecimento de infraestrutura, estão ocupados por terrenos vazios, ociosos e subutilizados, tornam-se barreiras constantes.

Lazer Gênero

Esses vazios possuem grande potencial para diminuir déficit de equipamentos e áreas de lazer que são extremamente escassos no local, entretanto grande parte dessas áreas, por iniciativas dos moradores, em busca de uma forma de divertimento no local, foram destinados para campo de futebol, entretanto numa escala desproporcional e acima da demanda. Além de não cumprir a sua função de lazer, por não serem utilizados, sendo mais um elemento de insegurança, pois são espaços em grande proporção, vazios e sem iluminação. Esses espaços negam a existência das mulheres no espaço público e sua necessidade de descanso e lazer na cidade.

ANÁLISE

ECOSSISTEMA PROTEGIDO

DEGRADAÇÃO DO MEIO NATURAL

N

RIO PAVUNA

HABITAÇÕES EM ÁREA DE RISCO

HABITAÇÕES EM ÁREA DE RISCO

CÓRREGO POLUÍDO

CÓRREGO POLUÍDO

ÁREA SEM SANEAMENTO

ÁREA SEM SANEAMENTO

RIO DOS CACHORROS

RIO CANALIZADO E POLUÍDO

ESGOTO A CÉU ABERTO

Áreas alagáveis

0 125 250 500m

Rio Pavuna

ACUMULO DE LIXO

O significado do Rio Pavuna para os moradores da favela, é de barreira e mau cheiro, com a função apenas para despejo dos resíduos sólidos. A margem do Rio é o local com as moradias mais precárias, chegam a ser sub-humanas, e as mesmas contribuem para o desaparecimento de áreas verdes, vegetações nativas, a destruição dos manguezais, que gera o desequilíbrio ambiental e a incidência de enchentes na área, atribuído em partes por um mercado formal especulativo e excludente, e por uma ocupação informal gerada pela restritividade do outro, gera o cenário atual de uma cidade segregada e desigual.

Áreas alagáveis

Uma das principais problemáticas do bairro é a incidência de enchentes, causada pela precariedade na infraestrutura local. Grande parte da favela não possui saneamento básico, com isso os efluentes domiciliares e industriais são lançados sem qualquer tratamento em valas e córregos que cortam a região, desaguando no Rio Pavuna. Uma das características comum em habitações a margem no rio, são o canos de esgotos, direcionados para o Rio Pavuna e o Rio Acari, causando inúmeros problemas, como o surgimento microalgas, além da transmissão de doenças, sem contar com o fato de que o esgoto doméstico pode estar contaminado com substâncias tóxicas não orgânicas e residuais absorvidas pelo solo, pois a maioria das ruas não possuem pavimentação. Além da sobrecarga do sistema unitário, no período com maior incidência de chuvas.

Lixo Barreira Risco

Devido à dificuldade na coleta de lixo, em acessar determinados locais e por não ocorrer de forma regular, muitos resíduos sólidos são dispostos a céu aberto, causando inúmeros impactos ambientais, sendo centros de contaminações. Muitas vezes esses resíduos são enterrados, queimados, jogados nas margens dos rios, córregos e valões que cortam a região. Em dias de chuvas estes resíduos são um dos principais contribuintes para inundações, pois seu destino são os ralos coletores que ficam congestionados, sobrecarregando as redes de esgoto, subdimensionadas e em péssimo estado de conservação, o qual não atendem toda a população, e além de ser uma questão de saúde pública interfere na mobilidade urbana, pois o lixo torna-se uma barreira eminente.

ANÁLISE
LAZER

TRANSIÇÃO NOS ESPAÇOS PÚBLICOS

N

TRAVESSIA DEGRADADA
COM PONTO CEGO

DIMINUIÇÃO GRADATIVA
DAS ÁREAS VERDES

ÁREA COM GRANDE POTENCIAL
DE CONVÍVIO, ENCONTRA-SE
DEGRADADA

ÁREA COM GRANDE POTENCIAL
DE CONVÍVIO, ENCONTRA-SE
DEGRADADA

RIO CANALIZADO
E POLUÍDO

0 125 250 500m

CAMPO DE FUTEBOL

Áreas livres

Visto que os espaços livres já existentes, não levam em consideração a demanda, necessidade e identidade do local, o que reflete em áreas desertas, degradadas e inseguras. Como forma de alcançar o lazer a população se apropria das ruas e calçadas, as mesmas são utilizadas a qualquer horário do dia, seu uso é bem expressivo, sendo uma extensão da casa dos moradores, isso evidencializa a falta de áreas de lazer e convívio de qualidade no local, próximo das suas residências. O uso do passeio público é um grande potencial, Jacobs atribui às calçadas a capacidade de integrar as crianças ao meio urbano, de forma que elas aprendam como viver nas cidades, um lugar de troca e permanência, entretanto seu uso é bem precário, causado principalmente pela falta de infraestrutura. O lazer vira um risco constante, devida a falta de pavimentação, iluminação e saneamento, com foco de lixo e esgoto a céu aberto.

Areas verdes

Danos ao meio ambiente é fruto de uma cidade segregada, desigual e arcaica. Segundo (MARICATO, 2013), a segregação urbana é uma das faces mais importantes da desigualdade social e parte promotora da mesma. Onde de um lado existe a falta de interesse e planejamento e do outro a necessidade do acesso a moradia, onde o capitalista urbano destrói a vida cotidiana ao suplantar o espaço social, que reproduz as relações sociais, promovendo à dificuldade de acesso aos serviços e infra-estrutura. Tais favelas vivem uma relação contraditória com o meio natural: ao mesmo tempo que são nocivas, elas dependem e possuem uma relação de pertencimento e aos poucos as áreas verdes e livres à margem do Rio Pavuna vão sumindo, dando lugar a barracos de madeira.

LAZER TEM RAÇA TEM CLASSE TEM GÊNERO

Percebe-se que a localização está correlacionada a questão da exclusão social, mediante a relação com a conectividade de transporte, equipamento, serviço e lazer, isso é bastante evidente no local. Para acessar a cidade "formal", os moradores gastam horas do seu dia, se for visto do cenário da mulher, esta problemática se torna mais agravante, pois, em sua maioria, as mulheres além do trabalho produtivo ainda cumprem o trabalho doméstico. Quando a questão são áreas de lazer e convivência são praticamente inexistentes, com presença de poucas praças e as mesmas encontra-se degradadas e nenhuma delas atende as necessidades dos moradores, que dirá as das mulheres, todavia foram localizados inúmeros campos de futebol, poucos são utilizados pela população, majoritariamente do sexo masculino, ocasionado principalmente pela dimensão dos mesmos. As áreas vazias reforçam a invisibilidade da mulher nos espaços públicos, deixando evidente que o lugar da mulher é em casa, caso tente acessar o lazer, serviço, transporte... elas correm o risco constante de serem assediadas, roubadas, estupradas e ejaculadas, no transporte, na rua, no beco, na viela...

ANÁLISE

MORADIA

ESCASSEZ DE MORADIA

HABITAÇÕES QUE COMPROMETEM O RIO PAVUNA

TERRENO OCIOSO

TERRENO OCIOSO

TERRENO SUBUTILIZADO

TERRENO SUBUTILIZADO

HABITAÇÕES QUE COMPROMETEM O RIO PAVUNA

ÁREA DE EXTREMA PRECARIEDADE

ÁREA DE EXTREMA PRECARIEDADE

HABITAÇÕES QUE COMPROMETEM O RIO PAVUNA

TERRENO SUBUTILIZADO

N

0 125 250 500m

Moradia, Entorno

O acesso a moradia, ao solo urbano é marcado por grandes conflitos; entre as classes, a luta dos diferentes atores sociais pela apropriação e produção desses espaços, como forma de geração de recursos, o capital, refletindo nas cidades a desigualdade extrema. A favela nasce, por meio desses conflitos, o qual é o resultado da luta pelo acesso à moradia , nas áreas periféricas, localizadas em sua maioria nas franjas do munícipios, predominante em áreas de risco, a margem dos rios, linhas férreas e vias de alta velocidade, resultando em áreas segregadas e isoladas, sem acesso a infraestrutura, numa ilha de isolamento. Moradia vai além do espaço construído, como casa ou apartamento, é também o seu entorno. Se o seu entorno é marcada pela escassez extrema de inúmeros serviços básicos, que se transfigura em barreiras físicas, limitando constantemente o acesso a cidade de forma justa e eficiente, compromete e limita a vida dessa população de forma imensurável, independente da sua qualidade construtiva.

Tecido escassado

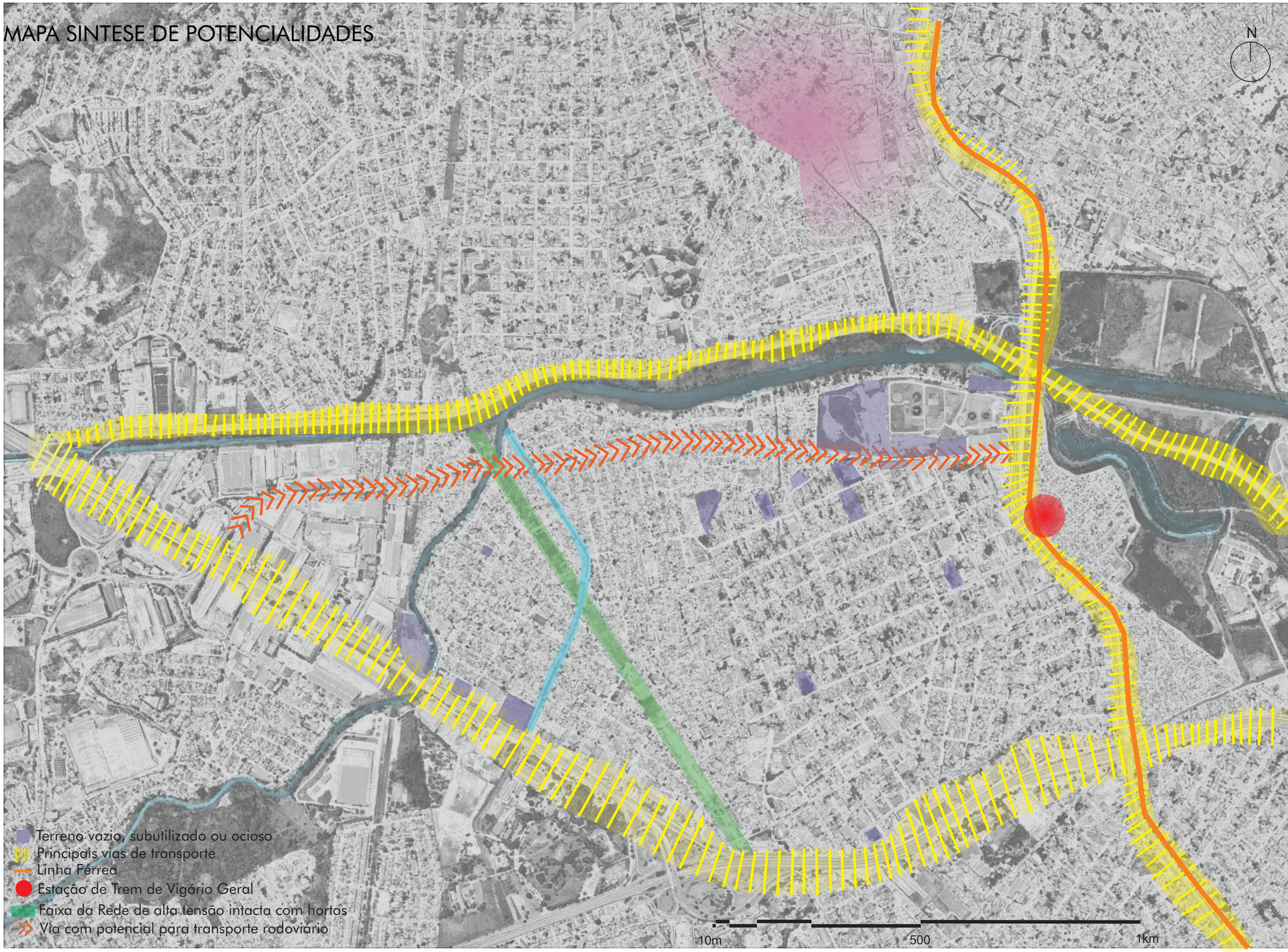
O solo urbano caracteriza-se em um tecido escasso, descontinuo com diversos buracos, por intermédio principalmente da forma de ocupação dispersa e difusa, pela especulação mobiliária e por último não menos significativo : pelo tráfico de drogas, que se titulam os donos dos terrenos vazios e proíbem a ocupação dos mesmos, esses fatores contribuem no aumento do tempo de deslocamento, promovem espaços segregados, inseguros e desertos em diferentes horários do dia.

Nós urbanistas entendemos que as ocupações presentes à margem do Rio Pavuna/Meriti ocorrem por falta de políticas públicas habitacionais, falta de fiscalização, e legislação rígida na ocupação dessas áreas, entretanto os moradores tem a visão que essas ocupações ocorrem mediante a permissão das facções criminosas que possuem o domínio desses espaços e permitem tais ocupações

Rio, habitação

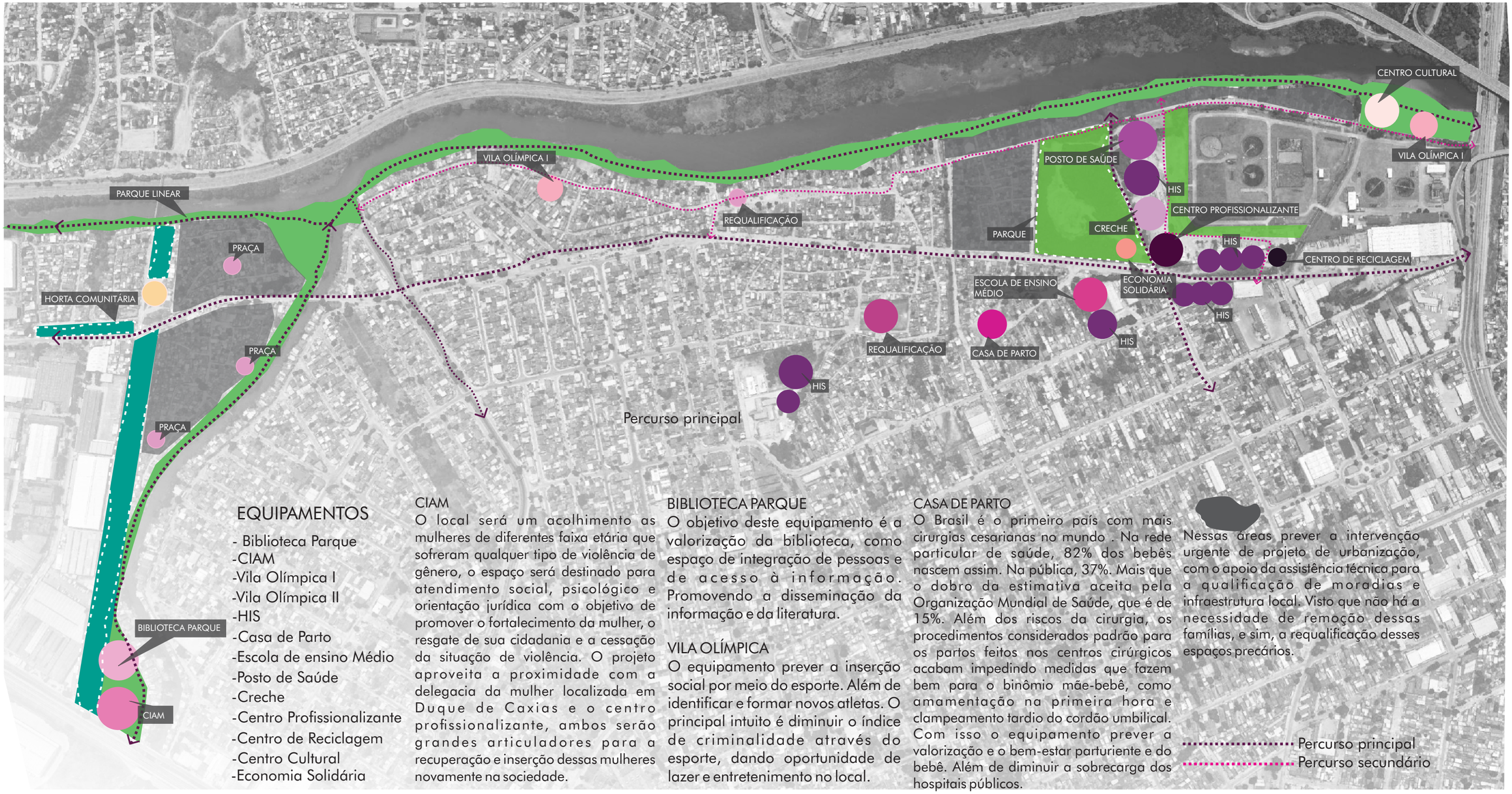
A margem do Rio Pavuna/Meriti, estão localizadas as moradias mais precárias, que comprometem as áreas verdes, o patrimônio da Baia de Guanabara e o ecossistema, além do risco eminente de alagamento nessas áreas. Percebe-se, assim, uma relação ambígua com a natureza. Ao mesmo tempo em que existe uma atividade prejudicial, a favela depende de seu entorno para ter o acesso a moradia, se submetendo a riscos constantes, visto como a única solução para obter o acesso à cidade.

MAPA SINTESE DE POTENCIALIDADES



TORNAR VISÍVEL O INVISÍVEL
INJUSTIÇA
ASSÉDIO
LIMITAÇÃO
ESTUPRO
MOBILIDADE
DESIGUALDADE
ESPAÇO PÚBLICO
VIOLÊNCIA
INSEGURANÇA
MEDO
MULHER
LIMITAÇÃO
INSEGURANÇA
ESTUPRO
MEDO
VIOLÊNCIA
DESIGUALDADE
RESISTÊNCIA
MOBILIDADE
MEDO
ESPAÇO PÚBLICO
RESISTÊNCIA
ESTUPRO
MULHER
ASSÉDIO
DESIGUALDADE
MEDO
LIMITAÇÃO
INJUSTIÇA
ASSÉDIO
INSEGURANÇA
MOBILIDADE
MULHER
MOBILIDADE
MEDO
INSEGURANÇA
VISÍVEL O INVISÍVEL
LIMITAÇÃO
MULHER
RESISTÊNCIA
MORTE
ASSÉDIO

ESTUDO DE MASSA



EQUIPAMENTOS

- Biblioteca Parque
-CIAM
-Vila Olímpica I
-Vila Olímpica II
-HIS
-Casa de Parto
-Escola de ensino Médio
-Posto de Saúde
-Creche
-Centro Profissionalizante
-Centro de Reciclagem
-Centro Cultural
-Economia Solidária

CIAM

O local será um acolhimento as mulheres de diferentes faixa etária que sofreram qualquer tipo de violência de gênero, o espaço será destinado para atendimento social, psicológico e orientação jurídica com o objetivo de promover o fortalecimento da mulher, o resgate de sua cidadania e a cessação da situação de violência. O projeto aproveita a proximidade com a delegacia da mulher localizada em Duque de Caxias e o centro profissionalizante, ambos serão grandes articuladores para a recuperação e inserção dessas mulheres novamente na sociedade.

BIBLIOTECA PARQUE

O objetivo deste equipamento é a valorização da biblioteca, como espaço de integração de pessoas e de acesso à informação. Promovendo a disseminação da informação e da literatura.

VILA OLÍMPICA

O equipamento prever a inserção social por meio do esporte. Além de identificar e formar novos atletas. O principal intuito é diminuir o índice de criminalidade através do esporte, dando oportunidade de lazer e entretenimento no local.

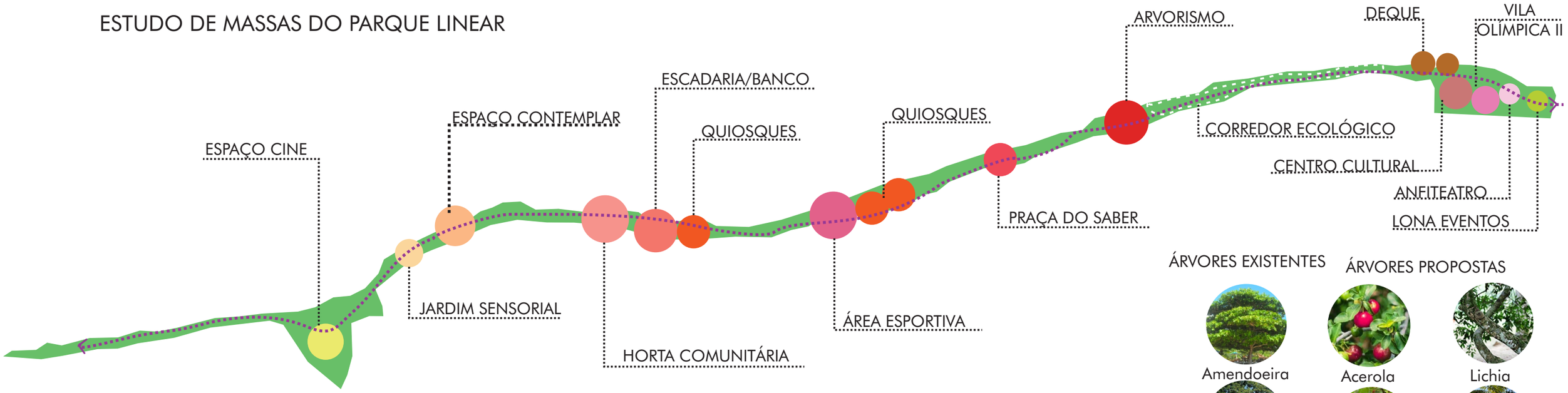
CASA DE PARTO

O Brasil é o primeiro país com mais cirurgias cesarianas no mundo . Na rede particular de saúde, 82% dos bebês nascem assim. Na pública, 37%. Mais que o dobro da estimativa aceita pela Organização Mundial de Saúde, que é de 15%. Além dos riscos da cirurgia, os procedimentos considerados padrão para os partos feitos nos centros cirúrgicos acabam impedindo medidas que fazem bem para o binômio mãe-bebê, como amamentação na primeira hora e clampeamento tardio do cordão umbilical. Com isso o equipamento prever a valorização e o bem-estar parturiente e do bebê. Além de diminuir a sobrecarga dos hospitais públicos.

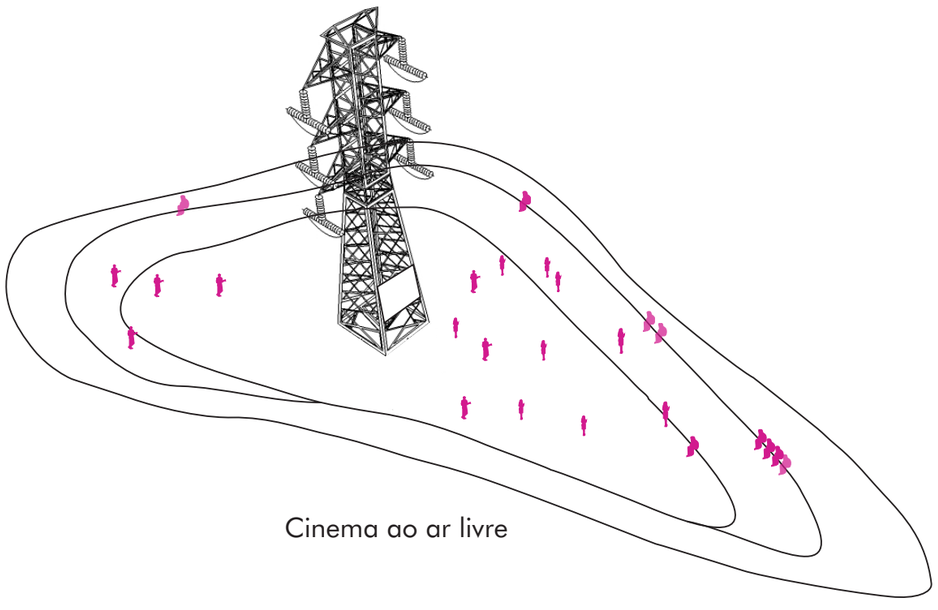
Nessas áreas prever a intervenção urgente de projeto de urbanização, com o apoio da assistência técnica para a qualificação de moradias e infraestrutura local. Visto que não há a necessidade de remoção dessas famílias, e sim, a requalificação desses espaços precários.

Percurso principal
Percurso secundário

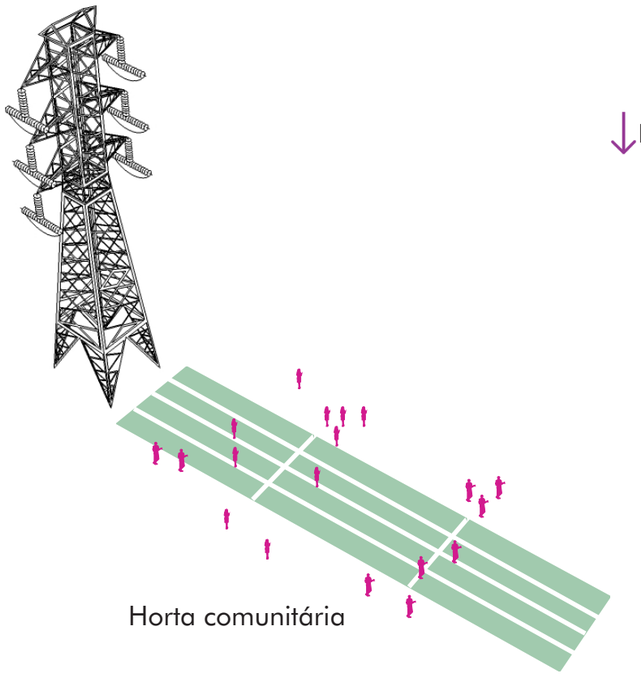
ESTUDO DE MASSAS DO PARQUE LINEAR



PROPOSTA DE RECICLAGEM DOS VAZIOS URBANOS CAUSADO PELA REDE DE ALTA TENSÃO



Cinema ao ar livre



Horta comunitária

ÁRVORES EXISTENTES

Amendoeira

ÁRVORES PROPOSTAS

Acerola

Lichia

Figueira

Amoreira - Negra

Cedro

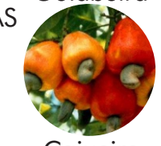
Coqueiro

Goiabeira

Ipê Rosa

↓PROPOSTAS /GRAMAS

São Carlos



Cajueiro

Jamim Manga

Esmeralda

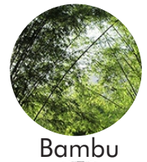
Mangueira

Ipê Amarelo

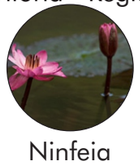
PLANTAS ANFÍBIAS

Vitória - Régia

Jagueira



Bambu

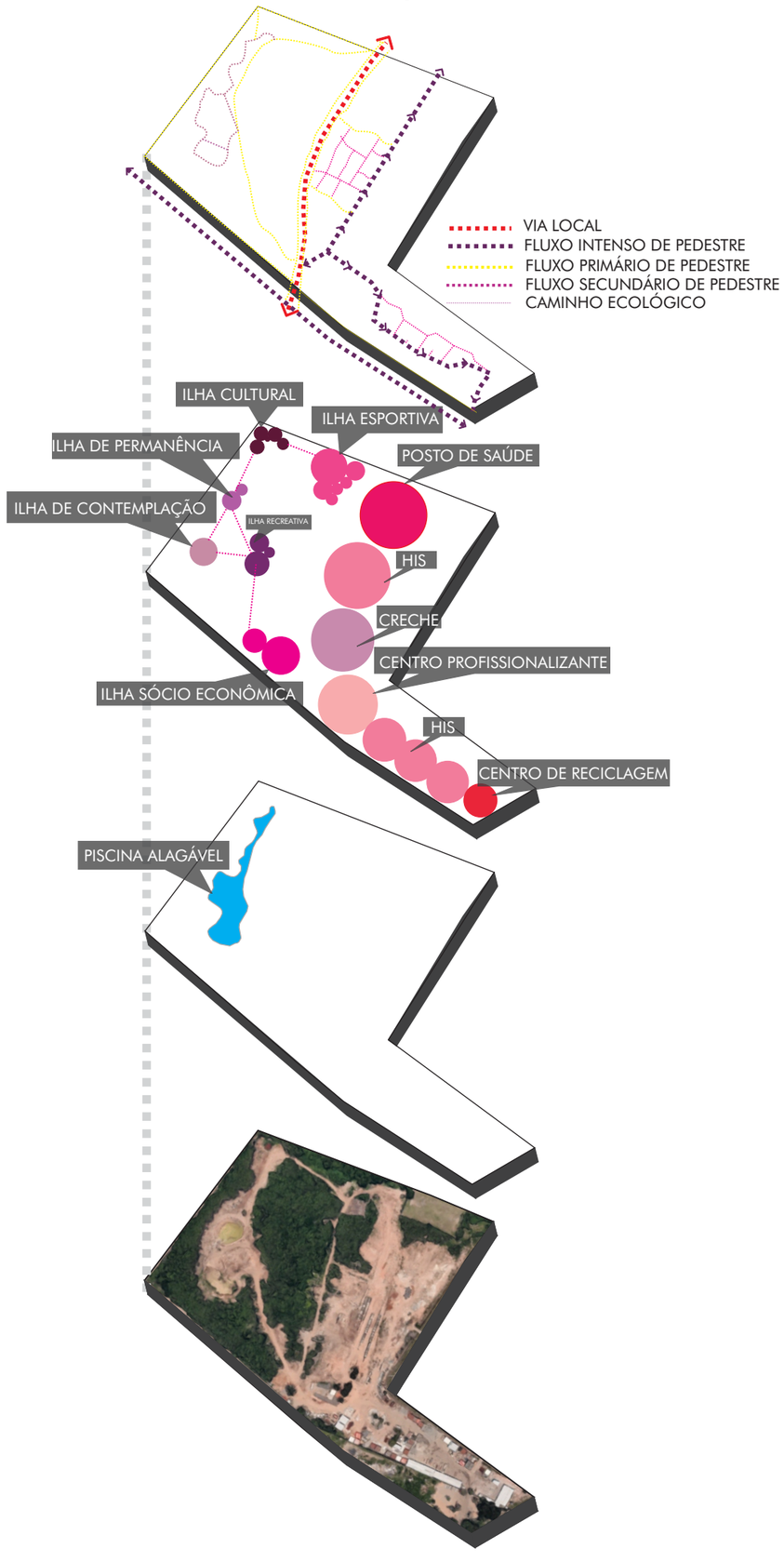


Ninfeia

Jabuticabeira

Eucalipto

ESTUDO DE MASSA DO PARQUE

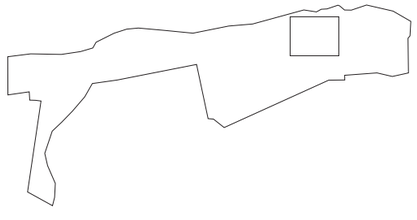


O parque surgiu a partir da densa arborização existente. O projeto buscou resguardar a área verde, apropriando-se apenas das áreas livres, pelos vazios existentes devido a extração de terra e pelos caminhos de pedestres destacados no local.

A intenção da intervenção é equilibrar o cenário social-ambiental, resguardar e promover o sentido/relação dos moradores com a natureza, repensando o espaço da cidade, de forma que integra o meio urbano e o natural como um todo, e não algo fragmentado que abre brecha a um planejamento arcaico e predatório, que degrada e destrói o patrimônio natural.

O parque viabiliza o acesso a natureza sendo um direito social do cidadão e não uma concessão. Além de promover uma grande variedade de usos, atendendo a diferentes públicos e faixa etárias para tornar esses espaços vitais. O mesmo foi setorizado em seis ' ilhas': Ilha cultural, de contemplação, recreativa, cultural, permanência e sócio-econômica que se conectam por caminhos/pontes.

O projeto foi idealizado com muito carinho em memória de uma jovem mãe estuprada e morta ao voltar do trabalho nesse local. As intervenção tiveram o foco na segurança, mobilidade, iluminação e usos combinados, a fim de amenizar a incidência de violência e assédio as mulheres.



HIS

O principal intuito é promover o acesso a moradia digna de qualidade na área, destinadas principalmente aos moradores removidos das áreas de risco na área de intervenção. No total foram removidas 237 famílias projetado 297 habitações de interesse social no local.
Estes edifícios e suas atividades proporcionaram uma boa variedade de usuários em horários diferentes proporcionando a vitalidade , por meio da diversidades de usos e a integração do espaço privado com o espaço público, sem muros e com acesso direto, utiliza-se o pavimento térreo para comércio e serviços e os demais pavimentos para uso residencial.

CRECHE

No local há somente duas creches de pequeno porte, causando inúmeros impactos, sobretudo, as mulheres chefes de família, que depende desse equipamento para prover o sustento dos filhos. Com isso foi prevista uma creche de grande porte, já que a favela está em processo de crescimento, prevendo impactos futuros.

ECONOMIA SOLIDÁRIA

Tem o objetivo de promover alternativa de geração de trabalho e renda para a população local promovendo a autonomia, empoderamento e a inclusão social de várias mulheres. Compreende uma diversidade de práticas econômicas e sociais organizadas sob a forma de cooperativas e associações.

POSTO DE SAÚDE

Visto que o único posto que existe no bairro cobre além do que a demanda requer na região. Porém, cabe ressaltar que muitos cidadãos se deslocam para esta região para serem atendidos na unidade. Só no bairro há no total 25.226 habitantes, pode-se concluir que o local não atende a demanda. Com isso a proposta busca facilitar o acesso a saúde da população mais carente.

CENTRO CULTURAL

O intuito é resgatar, evidencializar a cultura e a identidade do local, sendo uma expressão da vivência na favela, da luta e resistência no espaço público, da ficção a realidade que vivem.

O objetivo de desenvolver o centro cultural na favela é por acreditar que esse equipamento será um grande articulador contra a inserção de jovens no narcotráfico, possibilitando o desenvolvimento econômico, social e territorial, além da valorização da mulher, da favela, da raça e da cor.

CENTRO DE RECICLAGEM

Um dos grandes impactos no local é a presença de resíduos sólidos a céu aberto na ruas e nos rios. Com isso o equipamento tem a intenção de conscientizar a população local em relação a coleta seletiva e os impactos do manejo incorreto desse lixo. Além de ser um incentivo a economia local, por meio da transformação de objetos materiais usados em novos produtos para o consumo.

MASTERPLAN PROPOSTO

O intuito do projeto é **transpassar** as barreiras simbólicas sociais, culturais e físicas, além da eliminação de pontos cegos, por intermédio da identificação dos vazios urbanos gerados pela especulação mobiliária, que causam risco eminente, sobretudo, as mulheres moradoras da favela, caracterizados por muros, quadras extensas e espaços abandonados. Ao substituir os vazios por edifícios multifuncionais aumenta as possibilidades de vitalidade desses espaços, então, a redução da vulnerabilidade à violência e assédio. Demais, encurta distâncias e facilita o acesso à serviços básicos. Parte-se do princípio de cidade compacta, onde aproveita a infraestrutura adjacente, amenizando o déficit de moradia, transporte e equipamentos, fazendo equilibrar o cenário social como um todo, com o propósito de garantir o desenvolvimento das funções sociais e ambientais, a fim de proporcionar o aumento na qualidade de vida da população e o meio ambiente resguardado.

AMPLIAÇÃO 1

N

PARQUE LINEAR

VILA
OLIMPICA-II

BIOVALETA

QUIOSQUES

MODAIS ATIVOS

0 10 50 100 200m

CORTE ESQUEMÁTICO

LOCALIZAÇÃO

AMPLIAÇÃO 2

PARQUE LINEAR

CENTRO CULTURAL

REQUALIFICAÇÃO

ILHA CULTURAL

ILHA ESPORTIVA

CALÇADÃO

POSTO DE SAÚDE

VILA OLIMPICA-I

BANH/VEST.

ESPAÇO ♀

HIS

CONTEMPLAÇÃO

I. RECREATIVA

CRECHE

CENTRO PROFISSIONAL

HIS

HORTA COMUNITÁRIA

PRAÇA ALAGÁVEL

ADM

CENTRO DE RECICLAGEM

ECONOMIA SOLIDÁRIA

HIS/HORTA ESCOLAR

CASA DE PARTO

ESCOLA/ E. MÉDIO

HIS

HIS

CORTE ESQUEMÁTICO

Piscina Alagável

Ilha Recreativa

0 10 50m

0 10 50 100 200m

LOCALIZAÇÃO

ESQUEMA DE ANTES E DEPOIS

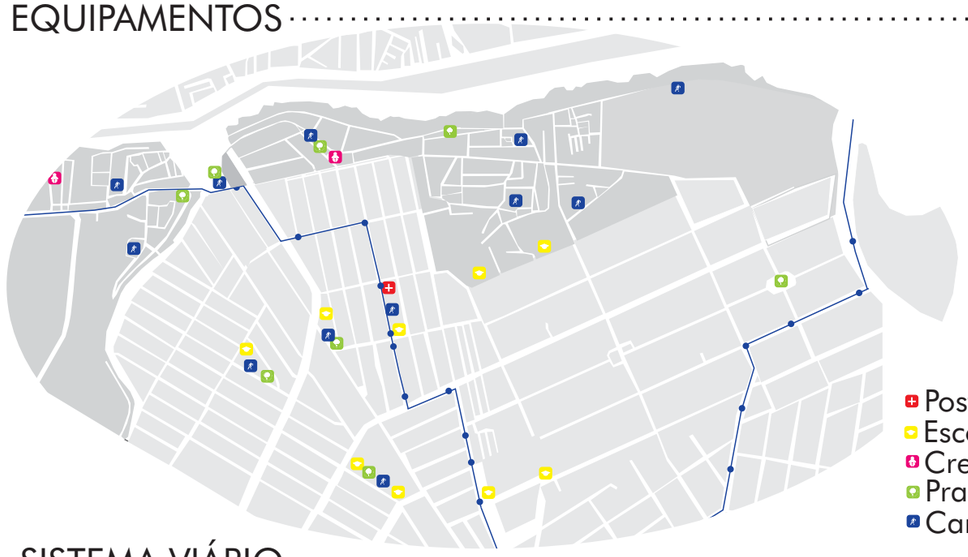
USO E OCUPAÇÃO DO SOLO

Industrial
Residêncial
Institucional
Misto

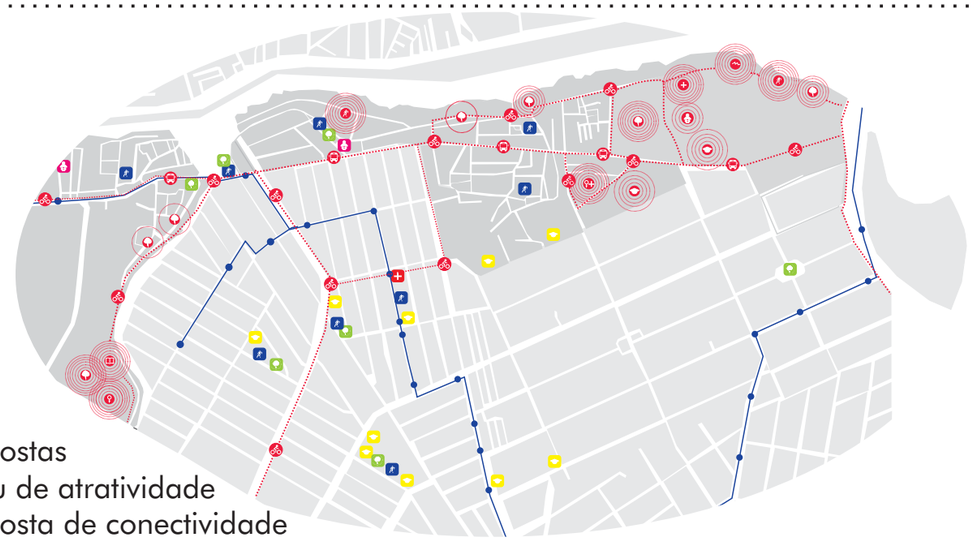
Incentivo de eixo comercial

CHEIOS E VAZIOS

EQUIPAMENTOS



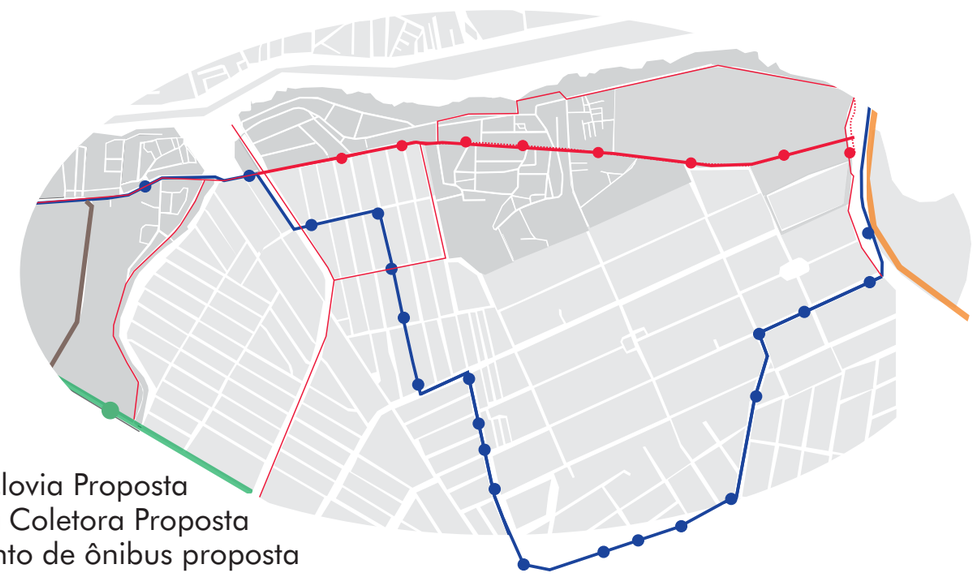
- Posto de saúde
- Escola
- Creche
- Praças
- Campo de futebol



- Propostas
- Grau de atratividade
- Proposta de conectividade

SISTEMA VIÁRIO

- Via Expressa
- Via Arterial
- Via Coletora
- Via Local
- Via não carroçavel
- Ponto de ônibus existente



- Ciclovia Proposta
- Via Coletora Proposta
- Ponto de ônibus proposta

VEGETAÇÃO E ÁREAS LIVRES

- Área permeável
- Arborização

RUPTURA A CONECTIVIDADE

As decisões projetuais foram guiadas pelo desejo de assegurar a continuidade do tecido urbano, a integração de diferentes modais e a vitalidade nos espaços públicos, tanto na área de intervenção quanto no entorno imediato. Visando facilitar o acesso a moradia e serviço. Todas as propostas foram desenvolvidas com o intuito de priorizar o pedestre e estimular o uso de transporte público, à pé ou de bicicleta.

PERMEABILIDADE

VALORIZAÇÃO DO PEDESTRE

ECONOMIA LOCAL

Centro Cultural

VAZIOS A DIVERSIDADE

Ao substituir os vazios murados por edifícios multifuncionais aumenta as possibilidades de troca tornando, então, a experiência urbana mais interessante e vibrante em diferentes horários do dia. Essa dinâmica favorece a circulação de pessoas proporciona um "policiamento natural", uma rua viva tem usuários e espectadores, o que ocasiona na diminuição de violência e assédio. Além disso encurta distâncias, equilibrando a oferta de moradia, postos de trabalho e lazer, gerando o aumento na qualidade de vida da população..

Rio Pavuna

TRANSIÇÃO A PERMANÊNCIA

As presentes intervenções buscam qualificar as ruas, becos, passagens e vielas como espaço público de transformação e permanência com capacidade de mudança, adaptação, temporal e cultural, de forma que promova a identidade morfológica e social, de partilha, de vínculo de conectividade, de fundamental importância para estabelecer relações, apropriações e valorização espaciais.

VISIBILIDADE

Substituição do guarda corpo de concreto degradado por bambu, além de promover a visibilidade, o elemento articula como identidade local, já que esse material é bastante utilizado para a construção de muros nas moradias das favelas.

APROPRIAÇÃO

Mobiliário urbano localizado em pontos estratégicos de forma que incentive a permanência nos espaços públicos, garantido os 'olhos nas ruas' Jacobs.

PERMANÊNCIA

Promoção de espaços que incentivem ações comunitárias e autonomia e empoderamento de grupos que fortaleçam a identidade local

VALORIZAÇÃO DO RIO

Despoluição de rios e córregos através de medidas de saneamento, limpeza e educação ambiental, bem como sua incorporação à paisagem como elemento articulador.

ILUMINAÇÃO ADEQUADA

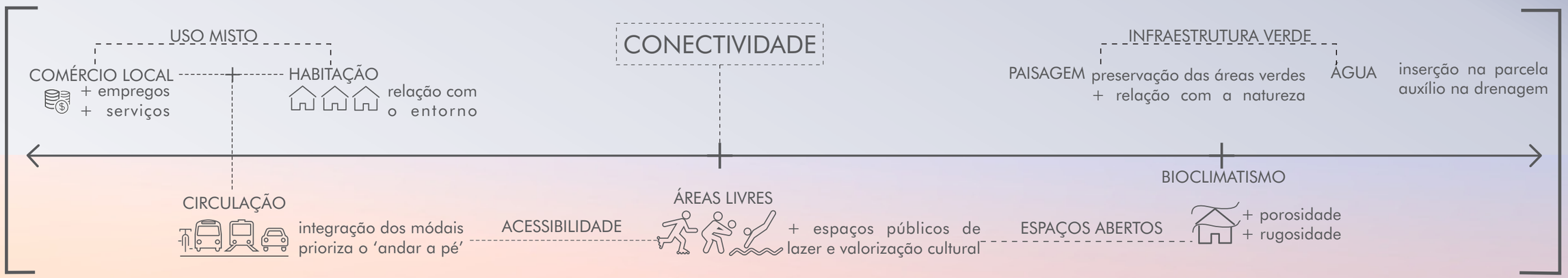
23 % das mulheres afirmaram que sempre desviam o caminho por falta de iluminação ou iluminação ineficiente, classificadas pela maioria como regular 45%, ruim19% e péssima 24%. A qual 86% afirmaram que a iluminação dá mais segurança.

Degradação A ESTRUTURAÇÃO

Com o desejo de equilibrar o cenário social-ambiental as intervenções projetuais tem o intuito de resguardar e promover o sentido/relação dos moradores com a natureza. Sendo assim as ações projetuais repensa o espaço da cidade, de forma que integra o meio urbano e o natural como um todo, viabilizando o acesso a natureza com um direito social da população.

Piscina Alagável

Ilha recreativa


USO MISTO
COMÉRCIO LOCAL
+ empregos
+ serviços
HABITAÇÃO
relação com
o entorno
CONECTIVIDADE
INFRAESTRUTURA VERDE
PAISAGEM
preservação das áreas verdes
+ relação com a natureza
ÁGUA
inserção na parcela
auxílio na drenagem
BIOCLIMATISMO
CIRCULAÇÃO
integração dos módais
prioriza o 'andar a pé'
ACESSIBILIDADE
ÁREAS LIVRES
+ espaços públicos de
lazer e valorização cultural
ESPAÇOS ABERTOS
+ porosidade
+ rugosidade

TIPOLOGIAS HABITACIONAIS
Permeável
Uso misto
Fechado
Uso residencial
Balanço
Uso residencial
237 famílias removidas
de áreas de risco
297 habitações de
interesse social
Fachadas ativas
Uso Misto

Ecassez AO ACESSO

A habitação de interesse social substituem os vazios urbanos que antes causavam insegurança e medo e hoje proporcionam a diversidade de uso e a integração do espaço privado com o espaço público, sem muros e com acesso direto, utiliza-se o pavimento térreo para comércio e serviços e os demais pavimentos para o uso residencial. Estes edifícios e suas atividades proporcionam uma boa variedade de usuários em horários diferentes promovendo a vitalidade nesses espaço.

A implantação das moradias foram pensadas de modo a aproveitar a vista do Rio Pavuna e do parque, fazendo seus moradores desfrutarem de uma vista espetacular, além de estimular a relação dos mesmo com o entorno e a valorização e proteção do Rio Pavuna. Dessa forma substitui-se vazios por possibilidades de troca e de valorização ao meio natural.

Centro Profissionalizante

A situação socioeconômica e cultural são um dos fatores que contribuem para a vitimização da mulher. Há uma certa dificuldade que as vítimas têm em interromper esse ciclo de violência, já que muitas dependem financeiramente dos seus parceiros. Pois, em sua maioria, não trabalham, possuem baixa escolaridade e dificuldade de encontrar abrigo entre seus parentes e amigos.

A ideia do Centro profissionalizante é dar oportunidade a essas mulheres de independência financeira, com possibilidade de gerar emprego, promovendo assim a autonomia e o empoderamento das mulheres da favela, principalmente, as mulheres chefes de família, a única provedora de renda em muitos lares na favela.

Adensamento

Estimular o adensamento do perímetro dos eixos estruturadores. Os terrenos de interesse serão submetidos à ação dos instrumentos urbanísticos edificação compulsória tendo o prazo estabelecido de 3 anos para o loteamento ou a construção das áreas vazias ou subutilizadas. Caso não cumpra o prazo, o mesmo será penalizado com o IPTU Progressivo, por 5 anos, após este prazo o imóvel poderá ser desapropriado, com pagamentos em títulos da dívida pública.

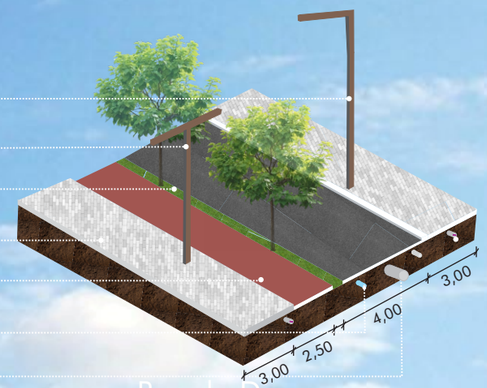
Via verde

Infraestrutura verde concomitante às vias tal como biovaletas e rain gardens para absorção e tratamento de águas pluviais e poluentes do pavimento.

Iluminação alta
Biovaleta
Iluminação baixa
Vegetação baixa
Piso permeável
Piso permeável(Asfaldo drenante)
Ciclovia
Duto Iluminação
Rede de Esgoto
Água Potável
Galeria de águas plúviais

Avenida Renascer

Iluminação alta
Iluminação baixa
Vegetação baixa
Piso permeável
Ciclovia
Água Potável
Galeria de águas plúviais
Rede de Esgoto
Duto Iluminação



Rua do Dique

MÓDAIS ATIVOS

Uma via de modais ativos conecta os diferentes equipamentos e comunidades, bem como espaços de permanência e contemplação. O projeto dessa via está integrado às melhorias de infraestrutura e paisagismo.

RIO PAVUNA

ESCOLA DE ENSINO MÉDIO

POSTO DE SAÚDE

2017

Identificação dos vazios circundantes na área de intervenção

Identificação de moradias em área de risco.

2018

Implementação de infra-estrutura básica nas favelas da Grigolândia e Beira Rio

Abertura da Avenida Renascer e Rua do Dique até a Rua Bulhões Marcial.

Implantação de ciclovias implantada de forma a conectar os equipamentos públicos com a requalificação da passarela que dá acesso a Duque de Caxias.

Regularização fundiária e urbanização de áreas ocupadas por população de baixa renda, mediante ao estabelecimento de normas específicas para o uso e ocupação do solo.

Renaturização dos Rios dos cachorros

2019

Tratamento das bordas do Rio Acari

Relocação das famílias em etapas de implementação das edicações. Para que não haja remoção das mesmas do local, intensicando a participação popular durante todo o processo.

Início das obras das unidades habitacionais.

Requalificação da praça do Dique e o Campo do Gigantão.

Implantação de novas praças na favela Beira Rio e Gringolândia.

2020

Implantação do Parque

Implantação do posto de saúde,casa de parto, creche, centro profisionalizante e escola de ensino médio.

2026

Implantação do economia solidária, biblioteca parque e o CIAM.

Implantação do Parque Linear de Jardim América

2030

Implantação do centro cultural e da Vila Olímpica e do centro de reciclagem.

Acredito que pensar na cidade na perspectiva feminina, é pensar numa cidade mais justa e equitativa. Muitos pensam que ao propor um projeto direcionado para um grupo específico, consequentemente estará excluindo ou restringindo os demais, mas na verdade ao solucionar o problema daqueles que necessitam e que sofrem constantemente a opressão e a desigualdade no meio urbano, limitando os seus passos, acaba-se por satisfazer a todos, com um olhar mais atento, levando em consideração as dificuldades da mulher, e o seu papel fundamental no desenvolvimento das cidades e para o desenvolvimento dos seus filhos, com isso o projeto prever o alcance de todos e todas, acreditando que o projeto irá favorecer principalmente o filho dessas mulheres.

O projeto será viabilizado por meio da aplicação dos instrumentos do estatuto da Cidade:
Terreno que não garanta a função social da cidade, será aplicado o instrumento de edificação compulsória tendo o prazo estabelecido de 3 anos para o loteamento ou a construção das áreas vazias ou subutilizadas. Caso não cumpra o prazo, o mesmo será penalizado com o IPTU Progressivo, por 5 anos, após este prazo o imóvel poderá ser desapropriado, com pagamentos em títulos da dívida pública.

Trabalho social da igreja batista missionária Betel na favela Beira Rio.
Fonte: a autora

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

ABREU, Maurício de Almeida. **Políticas públicas, estrutura urbana e distribuição de população de baixa renda na área metropolitana do Rio de Janeiro**. 1978

Campos, A., 2007. Do quilombo à favela: a produção do "espaço criminalizado" no Rio de Janeiro. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

VILLAÇA, Flávio. 1986 . O que todo cidadão precisa saber sobre habitação.

IGNACIO CANO, DORIAM BORGES, EDUARDO RIBEIRO. 2012. Os donos do morro: Uma avaliação exploratória dos impactos das unidades de polícia pacificadora (UPPS) no Rio de Janeiro.

JACOBS, Jane. **A morte e vida das grandes cidades**. Coleção cidades, São Paulo, WMF Martins Fontes. 2011

GEHL, Jan. **Cidade para pessoas**. São Paulo. Editora Perspectiva. 2013.

LEFEBVRE, Henri. 1999. A cidade do capital. Tradução de Maria Helena Rauta Ramos e Marilene Jamur. Rio de Janeiro: DP&A.

PAULA DE, Marilene, DAWID DANILO BARTLET. **Mobilidade urbana no Brasil: Desafios e alternativas**. Rio de Janeiro. HEINRICH BÖLL BRASIL. 2016.

BEUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**. Nova Fronteira. 1949

ZALUAR, Alba. **Condomínio do diabo**. Rio de Janeiro, Editora da UFRJ/Revan.1994.
Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas. Rio de Janeiro, FGV. 2014.

CASIMIRO DE, Lígia. **Direito à cidade: Uma visão de gênero**. São Paulo. IBDU. 2017

TAVARES, Rossana. INDIFERENÇA À DIFERENÇA: espaços urbanos de resistência na perspectiva das desigualdades de gênero. Rio de Janeiro.2015.

VALDIVIA, Blanca. **Estudios urbanos, género y feminismo: Teorías e experiencias**. Barcelona. 2012